GAIVOTA AZUL

BIZZ

SKANK

SECOND COME

O NOVO ROCK GAÚCHO

L7

CONCORRA A 3.000 CDs

3561 • MARÇO 1993 • ANO 09 • EDIÇÃO 92 • CR$ 85,000,00

na estrada com

MINISTRY

HELMET & SEPULTURA

SHABBA RANKS

e o novo ragga

exclusivo !

MICK JAGGER

PAUL McCARTNEY • JIMMY PAGE • EMERSON, LAKE & PALMER

SEU TALENTO NUNCA TEVE TANTA POTÊNCIA.

300 W
400 W
550 W!!

Grandes músicos merecem grandes equipamentos. É por isso que a *Novik* apresenta a linha de alto-falantes para Instrumentos Musicais ***FASE II***, agora muito mais potente. ***FASE II*** é uma versão tecnicamente mais avançada da linha já consagrada pelos maiores músicos e engenheiros de som do país.

VEJA PORQUE ELES FICARAM MAIS POTENTES.

1 Novo tratamento na superfície da bobina com novas lacas e adesivos.

2 Fios para temperaturas mais altas que suportam maior carga térmica.

3 Novos adesivos empregados na colagem do ponto crítico de resistência que possibilitam alcançar potências de ***300, 400 e 550 W.***

NOVIK
Alto-Falantes Profissionais

A BIZZ tem experiência em prever sucessos futuros. Por exemplo: o estouro recente de Daniela Mercury já estava na nossa bola de cristal na *Conexão Brasil* de fevereiro de 91 – exatamente dois anos antes do carnaval da axé music. Por isso, preste atenção na nova música brasileira presente na revista que você tem nas mãos. Skank, Second Come, a nova cena de rock de Porto Alegre, as bandas de *mangue-beat* de Recife.

Nossa capa deste mês também traz três bandas que foram apresentadas ao Brasil pela BIZZ: Ministry, Helmet e Sepultura. Quando as três se juntaram para uma excursão conjunta pelos EUA, destruindo arenas de Nova York ao Hawaii, não podíamos deixar escapar. André Barcinski, atualmente morando em Los Angeles, capturou shows, bastidores e personagens da turnê na pág. 26.

Como você pode ver ao lado, esta edição ainda tem muito mais – inclusive um panorama do novo reggae, os novos trabalhos de alguns monstros sagrados do rock e entrevistas com Emerson, Lake & Palmer, Midnight Oil e EMF, que devem tocar no Brasil este mês. Mas *não* tem uma seção tradicional da revista, o *Ao Vivo*. É que já tinhamos diversas coberturas de shows, espalhadas pela revista: na reportagem de capa; na gravação dos *Acústicos*; no nosso *replay* do Hollywood Rock.

Mês que vem: Prêmio BIZZ Melhores do Ano. Até lá!

6 **SHOWBIZZ**
Os indicados para o Prêmio BIZZ

12 **FAST FORWARD**
Rock gaúcho, Second Come

20 **NO REINO DE SHABBA**
A nova e polêmica geração do reggae

31 **DOSSIÊ DINOSSAUROS**
Doze monstros do rock

40 **SKANK**
Reggae mineiro? E o pior que é bom

44 **HOLLYWOOD ROCK**
L7 exclusivo

49 **DISCOS**
Napalm Death, Viper, Nirvana

56 **COMPACT DISC**
Motown, The Stranglers, Young Gods

59 **ZONA FRANCA**
Leonard Cohen, Utah Saints, Scorn

62 **CONEXÃO BRASIL**
O *mangue-beat* do Recife

64 **CARTAS**
Por que vocês odeiam o Rogério?

66 **DISCOTECA BÁSICA**
The Dock Of The Bay, Otis Redding

É melhor você começar a ler o Estadão.

Recorte e dê para aquele seu cunhado que só fala de futebol.

Se existe uma coisa tão chata quanto a falta de assunto, essa coisa se chama falta de outros assuntos. Quem lê o Estadão está preparado para mais de 90 minutos de conversa: bastidores da política, reviravoltas da economia, negócios, moda, turismo, cultura e tudo aquilo que está acontecendo de interessante no momento. Até futebol. Na próxima vez que alguém vier com o mesmo papo pela décima quinta vez, mostre que você também é fanático por outros assuntos: dê um cartão vermelho.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

SHOWBIZZ

ESCAPADA PELO TECNO

O som do indie rock inglês com batidas dance que bandas como Jesus Jones ajudaram a tornar famoso foi completamente eclipsado pelo assalto do barulho no último ano. O novo disco do JJ, *Perverse*, mostra que o grupo não dá bola para "últimas tendências do rock" e foi beber pesado no tecno. O single "The Devil I Know" (com direito ao melhor vídeo do momento) é a prova de que o pessoal do JJ anda seguindo as pistas certas: o clima é totalmente *trance* – "transe" –, um dos estilos dominantes nas pistas no momento.

A "MADONNA RUSSA"

É a história mais maluca da temporada. A modelo russa Natasha Alexandrovna lançou um disco (*Russian Revolution*), está fazendo um filme (*Taxi Dancer*), é contratada da Pepsi na Rússia, modelo Revlon e Valentino, está vendendo posters para caramba (um milhão, entre EUA e Europa). Já é sucesso o suficiente para alguém de quem ninguém nunca ouviu falar. Para completar, ela foi designada como embaixadora da Unicef!

Bryan Ferry está de volta com outro disco de covers – o primeiro, *These Foolish Things*, é de 73 – que inclui Velvet Underground ("All Tomorrow's Parties") e Elvis ("Are You Lonesome Tonight").

Simultaneamente, em abril, conheceremos o novo disco de **David Bowie**, produzido pelo Nile Rodgers de *Let's Dance*. Quem ouviu diz que é seu melhor trabalho em dez anos.

O PAI DA JUKEBOX

Ele não tocou, não compôs nem cantou. David Rockola, que morreu dia 27 de janeiro, aos 96 anos, fez mais. Criou um dos maiores ícones do século 20, a jukebox – para quem não sabe, aquelas máquinas inacreditáveis em que você põe uma moeda e escolhe o que vai ouvir. Jukebox, aliás, é como as máquinas são conhecidas aqui e nos EUA. No resto do mundo, se chamam *rock-ola* – o que é garantia de imortalidade para David.

ASTROS X AIDS

Seguindo o exemplo dos artistas gringos que vira e mexe se mobilizam contra a Aids, um time nacional encampou um projeto da TV Globo – Renato Russo, Marina, Cássia Eller e Frejat entre eles.

Mais original que isso é o fato de Humberto Gessinger e Carlos Maltz, dos Engenheiros do Hawaii, terem musicado e gravado um poema inédito (e interessante) de Cazuza, "Isto É Amor".

O resultado virou tema da campanha, programada para entrar no ar no final de fevereiro.

DONOS DA VERDADE

Hebe e Afanásio querem acabar com essa baixaria horrível de artista pelado e drogado

Angel Pola

Está vendo este monstro da lagoa negra ao lado? É Hebe Camargo, protestando da maneira mais grotesca possível no seu programa contra os roqueiros.

Hebe podia fazer dupla com o Exmo. deputado Dr. Afanásio Jazadji. Ele anda se preocupando com o rock'n roll. Acha que tem muita baixaria, violência e sexo, e o Hollywood Rock foi a gota d'água. Engraçado que ele se diz fã dos Beatles – não deve conhecer aquele disco com John e Yoko peladões na capa.

Quando o DeFalla foi tocar no Aeroanta (SP), o Dr. lotou o lugar de policiais, até no camarim. O show rolou, mas broxado. Logo em seguida mandou um fax para a redação da BIZZ prometendo prender roqueiro que ficar pelado, tomar drogas ou falar palavrão (!) nos palcos.

Sugestão ao deputado, aquele que virou bandeira na CPI da Rua Ásia em troca de uns carguinhos numas estatais paulistas: vai trabalhar!

João Santos Azul

OUÇA ESSA

"Quantas vezes eu tenho que ouvir as pessoas dizerem 'Eu tinha o cabelo igual ao seu'? Porra, por que cortaram então?"
Chris Robinson, Black Crowes

"Dormi com mulheres e adoro isso"
Neneh Cherry revela seu lado Bethânia.

"No momento, há muitos grupos que soam como a gente em diferentes épocas. Aquele Primal Scream está chegando perto demais do limite legal."
Mick Jagger defende o que é seu

"Eu cavei um buraco no meu nariz. Dá para enfiar uma caneta-tinteiro por ele. Mas isso é passado. Você pode me botar para trabalhar numa fábrica de drogas que não faria a menor diferença."
Ike Turner, de marido da Tina a careta renascido

EM ESTÚDIO

Ratos De Porão já têm demo nova pronta. Devem passar para o vinil logo. Simultaneamente, João Gordo deve produzir outro disco da banda do noivinho Alê, os **Pin Ups** • Os **Pixies** dançaram mesmo. Black Francis, em parceria com o guitarrista Joey Santiago, lançou disco como **Frank Black**. O baterista David Lowering está tocando com o **Nitzer Ebb**. E Kim Deal retomou os **Breeders** • **Smashing Pumpkins** gravando com Butch Vig, que produziu o Nirvana • A lenda punk angelena **X** está de volta – Exene Cervenka diz que eles só estavam de férias • Estréia em maio o **Porno For Pyros**, nova banda de Perry Farrell, ex-Jane's Addiction • Hank Shocklee finalizando o novo do **Public Enemy**, *Music In Our Mess-Age*. Nas horas vagas remixa "Unsung" do Helmet e duas do Anthrax • **Morrissey** teria se encontrado com **Prince** um dia desses para discutir um possível trabalho conjunto • E parem as máquinas: o **Pearl Jam**, que ano passado vendeu mais que U2 e Guns nos EUA, anunciou disco novo para maio.

Fabiana Figueiredo

GORDO E ALÊ, BUCÓLICOS

Reina

PEARL JAM

ESTA RÁDIO

TEM A CARA DE SÃO PAULO!

PRÊMIO BIZZ MELHORES DO ANO

E aqui estão os nomes indicados pelos leitores da BIZZ.

GRUPO INTERNACIONAL

U2
Red Hot Chili Peppers
Guns N'Roses

GRUPO NACIONAL

Sepultura
Engenheiros Do Hawaii
Legião Urbana

VOCALISTA INTERNACIONAL

Axl Rose (Guns N'Roses)
Bono Vox (U2)
Anthony Kiedis (Red Hot Chili Peppers)

VOCALISTA NACIONAL

Max Cavalera
Humberto Gessinger
Daniela Mercury

INSTRUMENTISTA INTERNACIONAL

Lars Ulrich (baterista/Metallica)
Eric Clapton (guitarrista)
Kurt Cobain (guitarrista/Nirvana)

INSTRUMENTISTA NACIONAL

Herbert Vianna (guitarrista/Paralamas Do Sucesso)
Nando Reis (baixista/Titãs)
Andreas Kisser (guitarrista/Sepultura)

CAPA INTERNACIONAL

Fear Of The Dark Iron Maiden
Nevermind Nirvana
Angel Dust Faith No More

CAPA NACIONAL

Mondo Cane Lulu Santos
RDP Ao Vivo Ratos De Porão
Supermercados Da Vida Barão Vermelho

DISCO INTERNACIONAL

Ten Pearl Jam
Bloodsugarsexmagik Red Hot Chili Peppers
Nevermind Nirvana

DISCO NACIONAL

Gessinger, Licks & Maltz Engenheiros Do Hawaii
Supermercados Da Vida Barão Vermelho
O Canto Da Cidade Daniela Mercury

SHOW INTERNACIONAL

Ramones
Iron Maiden
Guns N'Roses

SHOW NACIONAL

Titãs
Daniela Mercury
Sepultura

REVELAÇÃOI NTERNACIONAL

L7
Nirvana
Pearl Jam

REVELAÇÃO NACIONAL

Daniela Mercury
Beijo AA Força
Yo-Ho-Delic

LETRISTA

Frejat (Barão Vermelho)
João Gordo (Ratos De Porão)
Humberto Gessinger (Engenheiros Do Hawaii)

MÚSICA INTERNACIONAL

"Smells Like Teen Spirit" Nirvana
"Even Flow" Pearl Jam
"Under The Bridge" Red Hot Chili Peppers

MÚSICA NACIONAL

"Pedra, Flor E Espinho" Barão Vermelho
"Ninguém = Ninguém" Engenheiros Do Hawaii
"Vento Ventania" Biquini Cavadão

CLIP INTERNACIONAL

"Even Better Than The Real Thing" U2
"Smells Like Teen Spirit" Nirvana
"November Rain" Guns N'Roses

CLIP NACIONAL

"Pedra, Flor E Espinho" Barão Vermelho
"Brazil Banana Samba" Yo-Ho-Delic
"Desperate Cry" Sepultura

Mês que vem: o veredito final!

CREAM

OS NOVOS FAMOSOS

Festa do Rock And Roll Hall Of Fame promoveu *comebacks* memoráveis

A oitava edição da festa da Rolling Stone – e a primeira feita em Los Angeles – foi disparada a melhor até agora. Entraram para o "salão da fama do rock" os Doors, o Creedence Clearwater Revival, Van Morrison, Sly And The Family Stone; mais as pioneiras do rhythm'n'blues Ruth Brown, Etta James e

DOORS

CREEDENCE

Dinah Washington; o produtor Milt Gabler, o apresentador Dick Clark e o grupo dos anos 60 Frankie Lymon And The Teenagers. Entre os figurões presentes, ZZ Top, Jon Bon Jovi, Chris Isaak, Boys II Men e k. d. lang.

Foi a primeira vez que o Cream tocou junto em 25 anos (no alto). Eric Clapton se portou direitinho, Ginger Baker e Jack Bruce não erraram "Sunshine Of Your Love". O Creedence tocou acompanhado de Bruce Springsteen e Don Was (à esquerda). Mas o show mais surpreendente foi o dos Doors, com Eddie Vedder do Pearl Jam substituindo (bem!) Jim Morrison nos clássicos "Roadhouse Blues", "Break On Through" e "Light My Fire" (acima).

SUNSCREEM

O MELHOR DE SUNSCREEM DOIS MUNDOS SUNSCREEM

Vamos à Inglaterra. Existe o mundo das *raves*: ritmos mecânicos e delírio coletivo. E existe o mundo *indie*: bandinhas arranhando melodias pop e uma platéia chapada só olhando. A ponte entre os dois é o Sunscreem: um grupo de verdade com típicas letras *indie* – introspectivas – mas que deita e rola em ritmos tecno, *trance* e house. A vocalista Lucia Holm segue a escola de Björk, dos Sugarcubes: vai do sussurro ao agudo, em poucas notas. O disco do grupo, 03, acaba de sair por aqui, com hits como "Perfect Motion", "Love U More" e "Broken English" (cover de uma das rainhas da fossa, Marianne Faithful). *CAMILO ROCHA*

O fim e a volta da FACTORY

COMO O MAIOR SELO *INDIE* INGLÊS FALIU E, AGORA, RESSUSCITOU

Foi a morte de uma lenda dos anos 80 – e uma ressurreição ao melhor estilo dos 90. Em 23 de novembro do ano passado, a gravadora inglesa Factory faliu. Causa básica: bobeadas administrativas, pretensões estratosféricas e mera falta de produto. O New Order, um dia grande campeão de vendas e parceiro da gravadora, não lançava nada desde 89. Os Happy Mondays, único grande estouro da Factory desde os tempos do New Order, torrou uma montanha de dinheiro na produção de *Yes, Please*, que só vendeu 50 mil cópias na Inglaterra.

A Factory durante anos a fio – desde 78 – representou o que havia de melhor no rock independente inglês. Tinha credibilidade: descobriu o Joy Division, grande banda e mito; Tinha grana: "Blue Monday", do N.O., foi na época de seu lançamento o single independente mais vendido de todos os tempos.

Tinha, principalmente, estilo. Sob a liderança de Tony Wilson, a Factory se tornou uma pedra de toque do chic oitentista. Seu parceiro na criação do selo, o designer gráfico Peter Saville, era tão famoso e importante para a empresa quanto seus astros contratados. Seu clube, o Hacienda, era a mais importante casa noturna de Manchester. Nela, Madonna se apresentou pela primeira vez na Inglaterra: em volta dela se criou a cena de Manchester, da *acid house* e das *raves*, dos Stone Roses & Cia.

Só que o selo se acomodou. Perdeu o trem *acid*, perdeu as bandas que lançou (como James, A Certain Ratio, Durutti Column, Section 25) por se recusar a fazer contratos decentes. Assinou com gente irrelevante. Acabou com uma dívida de mais de 3,5 milhões de dólares. Em janeiro, o New Order assinou com a London e os Happy Mondays iniciaram negociações com a EMI.

Quando tudo estava perdido, a notícia estourou. Vem aí a Factory 2 – menor, mais ágil, provavelmente como um selo da PolyGram, como convém a estes tempos bicudos e corporativos. O velho Tony Wilson, que continuará no comando da nova operação, arquivou a velha ética anárquica e já está cantando vitória: "Capitalismo sem falência é como cristandade sem inferno!". Benvindos ao fim do milênio. *ANDRÉ FORASTIERI*

CALADÕES BARULHENTOS

Entrevistar o Second Come não é muito fácil. De poucas palavras, os integrantes da banda escolhida como revelação de 91 pela BIZZ são introspectivos e lacônicos. Como as letras de *You!*, seu primeiro álbum, que vem a ser também o primogênito do selo Rock It!, de Dado Villa-Lobos (Legião) e André X (Plebe Rude). Produzido por Dado, o disco foi gravado em apenas 72 horas no estúdio Mega (24 canais), em regime de co-produção.

Elogiados por Dave Grohl, baterista do Nirvana, Fabio Leopoldino (guitarra/voz), Fernando Kamache (guitarra), Francisco Kraus (baixo/vocal) e Kadu (bateria) já voltam seus olhos para o mercado externo: pretendem viajar ainda esse ano para os EUA e estão armando a distribuição na Europa através do selo Wiija (Inglaterra).

E não estão nem aí para quem critica o fato deles cantarem em inglês: "As pessoas lá fora têm visto as letras e achado bem escritas. Caetano e Gil já fizeram músicas em inglês, na Itália cantam em inglês, na Alemanha também...", diz Kraus. "Acho que na composição do nosso som não influencia muito o fato da gente ser do Brasil. Na verdade, a gente está no meio do oceano", observa o vocalista Fabio.

uma das melhores bandas do underground carioca está planejando altos vôos. E garante que suas letras em ingles são muito bem escritas

A escolha do Second Come para inaugurar o catálogo do selo Rock It! não poderia ser mais coerente. "Na nossa loja a gente vende fitas trazidas pelos grupos e as do Second Come acabavam sempre, só não vendiam mais porque eles eram preguiçosos e levavam poucas fitas", conta André X, que já está com o Dungeon, de Brasília, e o carioca Gangrena Gasosa na mira.

Ainda assim, a dupla teve jogo de cintura suficiente para viabilizar a produção de *You* a custos mínimos. "A coisa toda funcionou como um mutirão – a bateria de um, o videoclip de outro... A fita master, o Dado conseguiu debaixo dos panos com a EMI-Odeon, como se fosse para o Legião...", diz André.

O grande desafio agora é driblar a falta de um circuito *indie* consistente no Brasil. Enquanto isso, o Rock It! faz sua parte (na loja da Av. Bartolomeu Mitre 325, loja 106, Rio), ao vender camisetas, demos, discos independentes e estar aberto a qualquer grupo que queira mandar fitas para lá – como o Second Come fez um dia. *C.C./C.E.M*

As Camisetas Estampa Total (CT) e os Bermudões Estampa Total (BT) estão disponíveis nos tamanhos M e G e nas referências abaixo:

CT Estampa Total Cr$ 455.000,00

BT Estampa Total Cr$ 455.000,00

LANÇAMENTO
CAMISETAS E BERMUDÃO
COM ESTAMPA TOTAL
(frente, costas e mangas)

NEW ROCK
FONE: (011) 200 3952

MC Manga Curta Cr$ 344.000,00

ML Manga Longa Cr$ 416.000,00

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/03/93. APÓS ESTA DATA ACRESCENTAR 20%

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

CL Calça Moletom Cr$ 560.000,00

BO Boné Cr$ 368.000,00

Referência das Calças (CL) e dos Bonés (BO):

CL1-BO1: Metallica
CL2-BO2: Guns N Roses
CL4-BO4: Iron Maiden
CL7-BO7: Sepultura
CL9-BO9: Red Hot
CL10-BO10: R.E.M.
CL11-BO11: Slayer
CL12-BO12: Nirvana
CL13-BO13: Ramones
CL14-BO14: Iron III
CL15-BO15: Pantera
CL16-BO16: Anthrax
CL17-BO17: U2
CL18-BO18: Soundgarden
CL19-BO19: Pearl Jam
CL20-BO20: Iron III
CL21-BO21: Red Hot III
CL30-BO30: Sepultura II

LANÇAMENTO
CARTEIRAS
EXCLUSIVAS
Cr$ 156.000,00

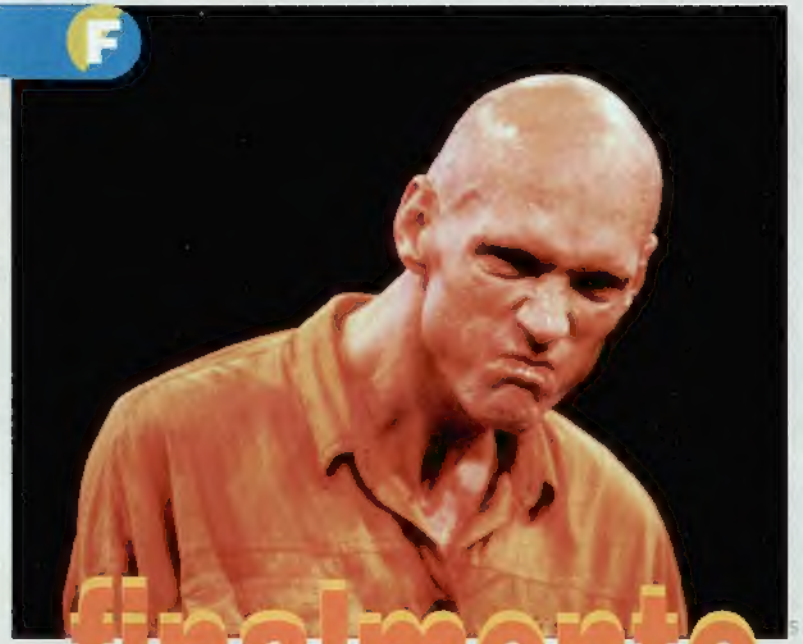
CA1: METALLICA
CA2: GUNS N'ROSES
CA4: IRON MAIDEN
CA7: SEPULTURA
CA9: RED HOT CHILI PEPPERS
CA15: PANTERA

COMO COMPRAR:

* Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para a NEW ROCK - Rua Capote Valente, 242 - CEP: 05409-000 - São Paulo - SP.
* DESPESAS DE SEDEX: devem ir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 80.000,00 (Região Sudeste) e Cr$ 140.000,00 (demais regiões). Se as despesas forem maiores que o valor acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no Correio ou atabalde, se forem menores.
* O Correio marcará um "AVISO DE CHEGADA" entre 8 e 15 dias após o envio de sua carta. Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber este aviso.

TOTAL DA COMPRA Cr$: _____ (02-92)
NOME: _____
END: _____ Nº: _____
CEP: _____ FONE: _____
CIDADE: _____ ESTADO: _____
ASSINATURA: _____
RG: _____

MOD.	REF.	COR	TAM



finalmente

Depois de anos de sucesso por aqui e um show cancelado em 92, o MIDNIGHT OIL chega ao Brasil

Todo mundo se preparou para o show da banda de Peter Garrett na Eco 92. Dançou na última hora. Agora, o líder do MO explica. "Queríamos ir ao Rio em 92, pois havia aquela grande conferência das Nações Unidas, a Eco 92, com uma enorme reunião de povos indígenas." Um acidente com a mulher de Garrett cancelou a apresentação.

Essa preocupação com outras culturas habitantes do planeta é fundamental para os integrantes da banda. Em 85 eles foram convidados pela comunidade aborígene de Mitijulu para comporem uma música que celebraria a volta à sua terra sagrada (eles são os legítimos donos do maior monolito do mundo, em Uluru, na Austrália Central). Daí saiu o hit "Dead Heart".

No ano seguinte, outro convite surgia. Desta vez era feito pela Warumpi Band, banda pop formada por aborígenes, cuja sonoridade não deixa nada a dever para a new wave. Os dois grupos acabaram realizando uma turnê pelo sertão australiano, em vilas e acampamentos. Algo nunca feito na história do rock.

Essa viagem foi registrada no documentário *Black Fella, White Fella*, lançado aqui agora. No vídeo, o baterista Rob Hirst relata: "foi a experiência mais excitante e mais entristecedora de nossas vidas. Vimos pessoas vivendo nos escombros da civilização ocidental,se embebedando, sendo logradas por burocratas. Ainda assim, conseguiam guardar os traços de sua civilização."

Famosos por seus shows de protesto, como a histórica apresentação de protesto em frente ao prédio da Exxon em Nova York, Garrett vai avisando: "se você nunca viu o Midnight Oil ao vivo e só conhece a banda pelos discos, particularmente os mais leves, vai ter uma tremenda surpresa." *JOSÉ JÚLIO*

Datas do Midnight Oil no Brasil:12/3 (Gigantinho/Porto Alegre); 14/3 (Maracanazinho/Rio de Janeiro); 15, 16 e 17/3 (Olympia/São Paulo).

estigma bobo

Tinha quem achasse que o EMF era grupo de um hit só, que não passaria de "Unbelievable". Pois aqui eles estão de volta com *Stigma*, bem mais rock, bem menos dance. E chegando pela segunda vez ao Brasil, que o guitarista Zac Folley diz ter "adorado".

Porque um disco tão rock'n'roll?

É sinal dos tempos. Tem tanto rock'n'roll, todo mundo está fazendo isso, acho que mudamos com o tempo. Outra: gravamos esse disco depois de excursionar, estávamos muito afiados pelos shows, tinha que sair mais rock. No primeiro não tínhamos nenhuma experiência. E acho bom para nós soar diferente a cada disco. Porque não?

Até agora *Stigma* não fez o mesmo sucesso que *Schubert Dip*. Vocês estão decepcionados ou sabiam que estavam correndo riscos quando mudaram o som?

Esperávamos isso. Parece que quanto mais o público gosta do seu trabalho, mais você desgosta. Se com nosso próximo disco, virarmos mega... que seja assim, se ninguém comprar, que seja assim também. O que importa é fazer o que se gosta.

Em "Getting Through", do novo disco, há um sample de uma mulher que parece estar gozando. De onde veio isso?

É uma mina que Derry estava comendo durante a turnê americana, então gravamos tudo e sampleamos. Ela é bem velhinha, deve ter uns trinta anos, e é da diretoria duma importante empresa distribuidora de discos nos EUA. Mas isso só descobrimos depois. Ela ficou grávida.

Vocês têm tomado drogas como antigamente?

Não, estamos dando um tempo. Chegou uma época em que as coisas ficaram meio pretas. Então, você tem que escolher um caminho, ou vai em frente ou pára e sobrevive. Então, temos ficado na manha.

O que aconteceu com os "Ecstasy Mother Fuckers"?

Não, peraí, não... nunca usamos esse nome. Demos nossos primeiros shows como Epson Mad Funkers e depois começamos a usar a sigla EMF. Esse negócio de "Ecstasy Mother Fuckers" ("filhos da puta do ecstasy") foi uma coisa que a imprensa inventou.

Porque o vocalista James Atkins não dá entrevistas?

Não sei, acho que ele não quer, não gosta. O que é bom, porque assim todos os outros têm alguma chance de falar também.

Houve uma certa polêmica ano passado depois que vocês sampleraram a voz de Mark Chapman, o assassino de John Lennon. Yoko Ono ficou louca da vida com vocês. Como ficou resolvido essa história?

É, na época tivemos que tirar o sample dessa música, porque deu sujeira. Mas essa controvérsia toda foi positiva para nós, especialmente nos EUA. As pessoas passaram a ter outra referência a nosso respeito, não só a idéia de que somos cinco moleques ingleses com espinhas na cara. *CAMILO ROCHA*

Datas do EMF no Brasil: 20/3 (Maracanãzinho/Rio); 21/3 (Ibirapuera/São Paulo); 23/3 (Mineirinho/Belo Horizonte); 24/3 (Gigantinho/Porto Alegre). Até o fechamento, não se confirmou se os Happy Mondays e o Ministry também viriam na excursão, conforme divulgado.

ALTA ROTAÇÃO

SCREAMING TREES você conhece de "Nearly Lost You", da trilha de *Vida de Solteiro*. Mas a banda dos Conner *bros.*, já com dez anos de estrada, tem muita mais a oferecer. Cheque seu sexto álbum, **Sweet Oblivion** e descubra que nem só de *grunge* e metal se faz o som de Seattle. *A.F.*

Até o Santana e a Bonnie Raitt se dão bem acompanhando **JOHN LEE HOOKER** em **The Healer**. Imagine então o *bluesman* na companhia de gente boa como George Thorogood, Los Lobos, Charles Musselwhite e Canned Heat, entre outros. *R.C.*

Positive punk (seja lá o que for isso...), gótico-psicodélicos, revivalistas de AC/DC, dos Stones, do metal de Los Angeles, baladeiros hard rock e praticantes da dance semi-noise ("The Witch"). É, **THE CULT** já foi tudo isso, como está registrado na coletânea **Pure Cult (For Rockers, Ravers, Lovers And Sinners)**. Incompleta, mas que faz lembrar aquelas tardes ociosas do meio dos anos 80. Divertido para caramba. *C.R.*

Brasília urra através do **BSB-H**. Seu novo disco, **Extreme Convictions**, é um soco na cara. Os rapazes estão velozes e pesados como um rinoceronte enfurecido, mas ao contrário do bicho eles não são nada ceguetas. As letras politizadas e sem inocência, atestam a sua boa mira. *Σ C.E.M.*

O SUL PEGA FOGO

MARCELO NUNES

Porto Alegre vive um paradoxo. As bandas, como no resto do Brasil, se multiplicam como coelhos no cio, mas faltam espaços para tocar – os únicos redutos ainda são os esporádicos Ocidente, Porto De Elis, Garagem Hermética e Fim De Século – e nenhuma gravadora local parece antenada no que rola por lá. O gaúcho parece padecer da síndrome do "santo-de-casa".

A BIZZ fuçou os porões da cidade e dá uma geral no que acontece na capital da cerveja quente, do pôr-do-sol chapado e das Xuxas em profusão. No próximo número você fica por dentro do que rola em Curitiba, hoje a maior usina rock do Brasil. Prepare-se. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

Você conhece Susie Doll? Aquela mesma de "Screw You...", do DeFalla! Pois ela, em carne, osso e outros quesitos mais, virou baixista de uma banda de *bluesy* rock, as **Ninfrodiziakas**.

Formada apenas por meninas, a banda estreou em Porto Alegre ganhando, de cara, capa nos cadernos culturais da imprensa local. Susie Doll (na "vida real" Susana Dohrn, a loira de corpete branco, na foto), mais a guitarrista Karla Ruzick, a baterista Gika Escobar e a vocalista Ângela Suzin, viraram hype instantâneo e ameaçam uma rápida ascensão ao centro do país.

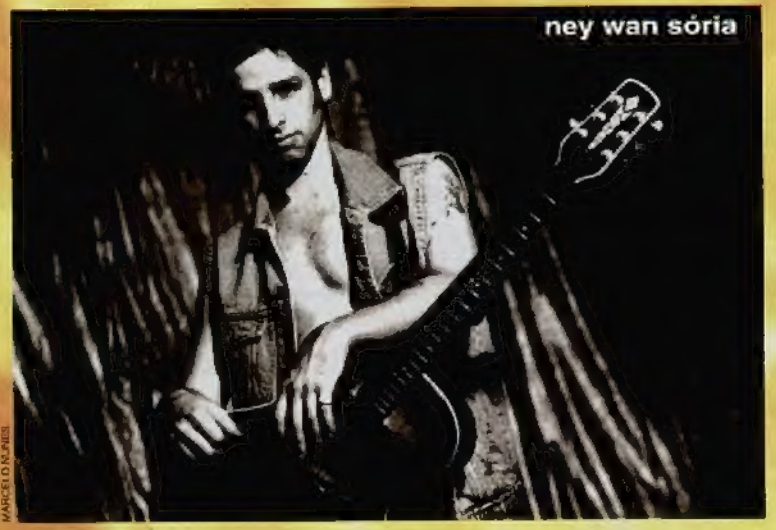
Sobre a música com a qual Edu K a "homenageou", Susie se diz orgulhosa e faz-se de desentendida: "Eu ouvi, mas não entendi nada da letra até hoje". Para quem também não sabe do que se trata, é só dar uma olhada na *BIZZ LETRAS TRADUZIDAS*, de janeiro, e sentir a maldade do cara.

C.E.M.

Quando o grupo Cascavelettes acabou, há cerca de um ano, **Ney Wan Sória**, um guitarrista ligado em rock e rhythm 'n' blues, tratou de levantar uma grana com um objetivo fixo: gravar seu trabalho solo. Fez isso num estúdio de Buenos Aires onde também gravam Charly Garcia e Leon Gieco. As três músicas que Ney gravou por lá, aliás, tiveram a banda de Garcia como apoio. Uma das músicas gravadas por Ney, "O Bem", está tocando bastante nas FMs de Porto Alegre. Em trio, ele tem feito shows pelo interior e na capital, mas o projeto principal é gravar um disco ainda este ano.

A Toca Do Disco é uma lojinha que estreou ano passado com uma fita do DeFalla tocando covers que vão de Public Enemy e Bad Brains a Danzig e Dead Kennedys.

Agora, lança outro cassete, *Absolute Harmony*, reunindo vários grupos. Algumas delas são dignas da maior atenção e merecem um vinil (ou CD) urgente. **Mequetrecs Suplicantes** vem com sua mistura de música eletrônica barata e o mais podrão death metal. A veterana **Pére LaChaise**, liderada por Plato Dvorák (também organizador da coletânea), também merece ser ouvida com atenção.



MARCELO NUNES

Cheia de raridades, *Absolute Harmony* traz ainda uma demo do **Make Believe**, projeto fantasmagórico de Antônio Navarro, um programador de computadores maníaco por Alien Sex Fiend e *Jornada Nas Estrelas* que, de tanto ouvir rock, descobriu que também podia fazê-lo e virou *instant hit* nas rádios com a faixa "One Of A Kind", produzida por Thedy Corrêa (Nenhum De Nós) e incluída nesta coletânea. Encomendas para: Krakatoa – Rua Visconde de Dupratt, 68, apto. 302, CEP 90610, Porto Alegre/RS. Toca Do Disco – (051) 224 4551 A/C Rogério. *JIMI JOE*

Os **Acústicos & Valvulados** percorrem há dois anos o circuito de bares e casas noturnas de Porto Alegre. Nelso Rafael (voz, guitarra e violão folk), Paulo James (guitarra), Alexandre Moica (guitarra) e Roberto Abreu (baixo acústico) definem seu som como "inspirado nos 50".

Na verdade o que fazem é "pura dinamite", e já lhes rendeu rasgados elogios do VJ Thunderbird. "Back To 55", o hit da banda, já entrou na programação normal das FMs alternativas locais, e o clip está a caminho da MTV. Contatos: Rua Armando Barbedo, 705, CEP 91929-520, Porto Alegre/RS. Fone (051) 222-59 77.

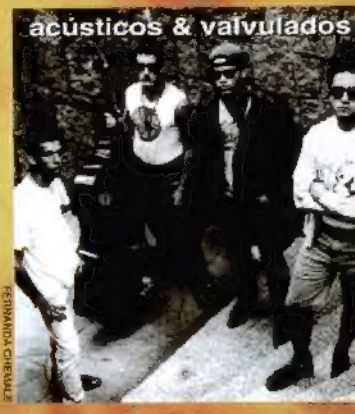
O metal furioso do **Panic** está de volta em *Best Before End* (Cogumelo). A nova formação conta com Martinez e Guga nas guitarras, Paulo Neto, vocal e baixo, e Cláudio Calcanhoto na bateria.

Gravado entre maio e junho do ano passado, *Best...* sintetiza o trabalho dos últimos dois anos da banda, que já está na estrada desde 85. "Hoje em dia, caras que começaram a tocar ontem vêm me dizer que a Panic está na moda. Mando eles se foderem", detona Martinez.

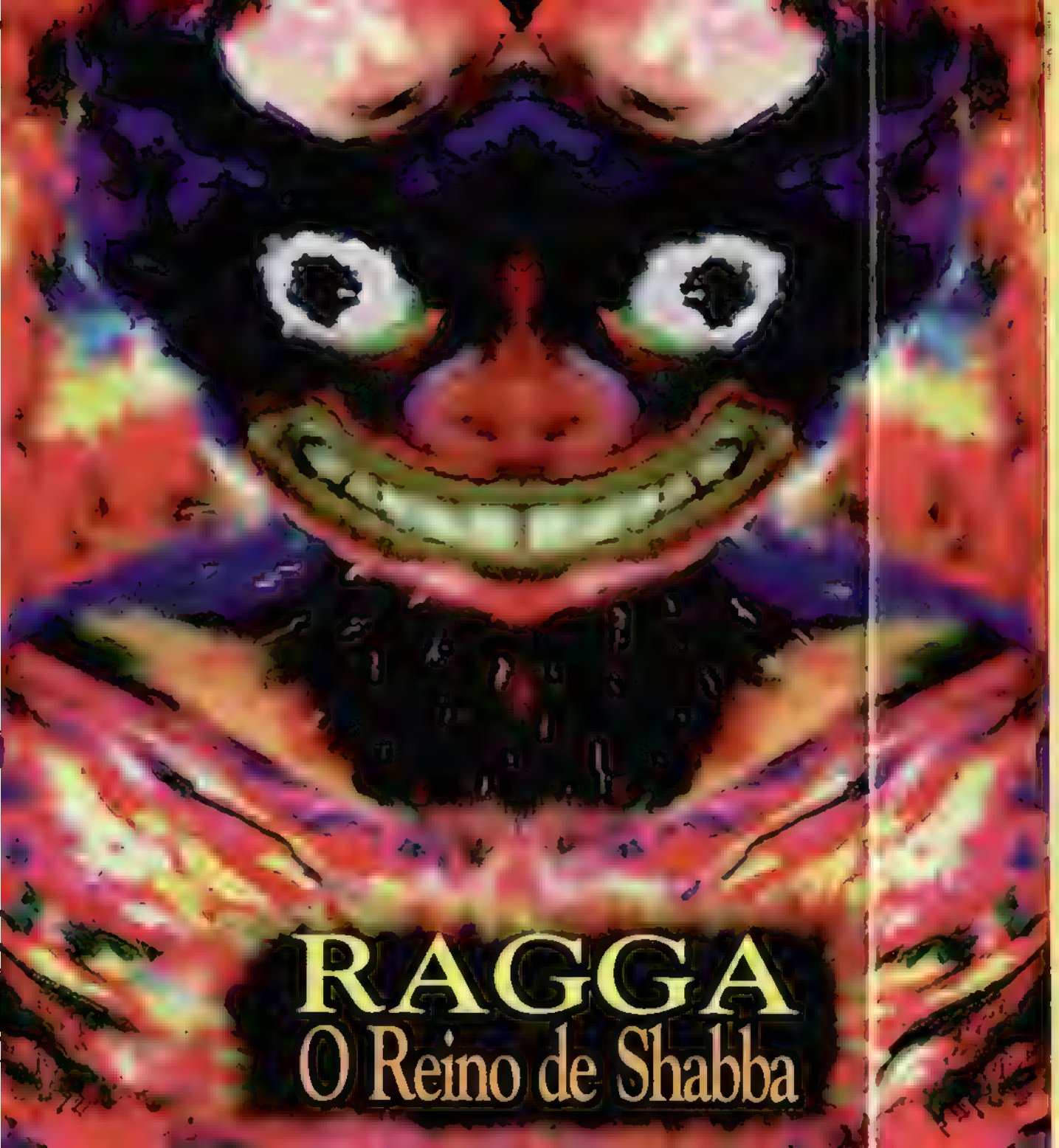
Mas a barulheira porto-alegrense não pára por aí. O **Gladiator** estréia no vinil com *Dreadful Dreams*, pelo selo de Fortaleza (!) Whiplash. *Dreadful...* é rápido, pesado e sem frescuras, e a banda ainda se dá ao luxo de gravar "Sunshine Of Your Love", do Cream. Está previsto para este mês ainda o LP *Time And Sail*, do **Distraught**, e a coletânea *Brash Heavy And Loud*, que reúne **M-19**, **Anachronic**, **Sacrário** e **Alchemist**, entre outros grupos de metal violento que infestam a cidade.

GILSON DA ROSA

o novo rock gaúcho dá sinais de vida aos berros



FERNANDA CHEVALIER



RAGGA
O Reino de Shabba

No mundo inteiro, o som jamaicano dos anos 90 avança sem parar. Mas os novos astros, Shabba Ranks à frente, não têm nada a ver com o pacifismo politizado de Bob Marley – ou pelo menos com a imagem de bom selvagem que se fazia dos rastafaris. Claudio Campos, Otávio Rodrigues e Camilo Rocha destrincham a nova geração de *bad boys* jamaicanos

92 foi o ano em que o ragga finalmente despontou para o mundo, levando a música jamaicana a um grau de exposição que não se via desde os tempos de Bob Marley & Cia. Num curioso e saudável processo de retroalimentação musical, foi o rap (que por sua vez originou-se dos *toasters* da Jamaica) quem deu a chave para a renovação rítmica e temática do venerado reggae.

A riqueza harmônica e as mensagens de paz, união e resistência política dos rastas de olhos congestionados deram lugar ao egocentrismo e à crua realidade das ruas, com predominância do binômio armas de fogo/sexo, embalado pela radical combinação baixo/bateria eletrônica do hip hop.

O próximo passo dessa troca de figurinhas já foi iniciado – rappers como Das EFX, Fu-Schnickens e até os pirralhos do Kris Kross já proferem seus discursos com o sabor do *patois* dos DJs jamaicanos. E essa história já tem até o seu herói. Com o sucesso de seus discos nos EUA, um Grammy e aparições em *talk shows* como o de Arsenio Hall, o ponta-de-lança Shabba Ranks meteu o pé na porta da indústria fonográfica mundial e abriu o caminho para uma nova geração de artistas da ilha.

O primeiro a seguir essa trilha rumo ao estrelato pop foi Super Cat, com o esplêndido álbum *Don Dada* (com participação do rapper Heavy D em duas faixas), sua estréia na gravadora americana Columbia. A capa já entrega: num clima anos 30 à *la* Capone e rodeado de melindrosas, ele empunha uma metralhadora e parece dizer: "Não se metam comigo!" – apesar de ter suavizado consideravelmente o teor de suas músicas.

De ascendência indiana, Super Cat se notabilizou pela habilidade em rimar as palavras e seu inconfundível timbre de voz, mas sobretudo por compor letras que espelham o violento cotidiano das favelas jamaicanas – o chamado *gun talk*, cheio de referências a tiros e mortes. E isso não é só papo. Ele já esteve "hospedado" por três anos na General Penitentiary de Kingston e esteve envolvido no tiroteio que vitimou o veterano DJ Nitty Gritty recentemente.

A polêmica sobre a violência no ragga aumentou ainda mais quando algumas rádios passaram a boicotar o "gun-talk", especialidade também dos *bad boys* Ninjaman ("My Weapon") e Cobra ("Gundelero").

Este último também assinou com a Columbia, trocou de nome (virou Mad Cobra) e lançou o álbum *Hard To Wet, Easy To Dry*, acertando em cheio logo no primeiro single: "Flex", um hipnótico convite à libidinagem ("Girl, flex, it's time to have sex") ao som da linha de baixo de "Just My Imagination", dos Temptations, turbinado por Handel Tucker e Sly Dunbar.

Como é de praxe na Jamaica, o sucesso de "Flex" detonou uma dezena de outras gravações utilizando a mesma base, cujo

estilo lento e melodioso já mereceu a classificação de "dancehall soul". Os problemas de Cobra com as rádios agora giram em torno da abordagem mais do que explícita de "Flex".

Mas a ligação entre ragga e sacanagem (e Shabba reina supremo neste setor) vem de longe, de suas raízes no calipso – a música mais "suja" de todo o planeta.

O próximo na lista dos executivos americanos é o tarimbado Tiger – o homem que não canta, rosna – com um álbum na boca do forno. O *chart* da *Billboard* também foi tomado de assalto pelo dueto de Chaka Demus e Pliers em "Murder She Wrote", uma das *n* versões de "Bam Bam" do histórico grupo Toots And The Maytals. A combinação DJ/cantor, muito comum no dancehall, já proporcionou encontros memoráveis como dos ingleses Frighty & Colonel Mite e Peter Hunnigale & Tippa Irie.

A Inglaterra já é, há muito tempo, o maior pólo de produção do reggae fora da Jamaica e com o raggamuffin a coisa não poderia ser diferente. É de lá que vem General Levy (de 21 anos e revelação de 92) com "Heat". Mas o melhor DJ britânico ainda é Macka B, com seu *roots ragga* engendrado pelo produtor Mad Professor, do selo Ariwa.

Correndo por fora e cada vez mais rápido, vem o raggamuffin' hispânico de "Nueva York". Apresentados mundialmente na coletânea *Dancehall Reggaespañol*, os destaques deste movimento são originários do Panamá: o pioneiro Nando Boom Rude Girl (La Atrevida) e seu feminismo malaco e o vitorioso El General, responsável pelos dois maiores hits do ragga latino, "Pu Tun Tun" e "Te Ves Buena".

Seu primeiro álbum, *Muevelo Con El General*, está sendo lançado no Brasil e dá uma boa prévia de que a hegemonia da língua inglesa na música pop está com seus anos contados.

Enquanto isso, naquela pequena ilha com o maior número de artistas por metro quadrado do mundo, as coisas não param de acontecer.

O dono das paradas de sucesso em 92 tem apenas 19 anos e chama-se Buju Banton. Enfileirando hit após hit – as eróticas "Batty Rider", "Love Mi Browning", "Woman Nah Fret" –, ele também atraiu a atenção da mídia com a polêmica "Boom By-By" (outra variação de Flex), um tiro e um adeus para os homens que não gostam de mulher (mais sobre isso no texto ao lado). Buju Banton é contratado do selo Penthouse, o mais quente do momento, dirigido pelo produtor Donovan Germain.

Além dele, Cutty Ranks, a revelação Tony Rebel e Marcia Griffiths encabeçam o elenco do selo. Outros nomes para se prestar atenção: Capleton, Grindsman, Tumpa Lion, General Degree, Wayne Wonder, Dirtsman e a gatinha Lady Patra. Mais sobre Buju e o escândalo que ele causou logo adiante... C.C

o reggae é sacana desde suas raízes no calipso – a música mais "suja" do planeta

Nos EUA, o som da Jamaica se mistura com o soul moderno; na Inglaterra, com o tecno. Em todo lugar, as pistas estão fervendo

Enquanto o dancehall de Shabba & Cia. cruza com o *swingbeat* e o soul moderno americano para aquele hit da *Billboard*, a brigada dance/tecno inglesa radicaliza ao máximo a conexão tecno-Jamaica.

Em 90, o *tecno ragga* já se esboçava: Rebel MC (famoso pelos seus singles com o Double Trouble) com "The Wickedest Sound", Pal Joey com "Jump And Prance", Bass-O-Matic com "Fascinating Rhythm" e os Ragga Twins com "Spliffhead" e "Hooligan 69" (produzidos pelo Shut Up And Dance). Os próprios álbuns do Shut Up And Dance, *Dance Before The Police Come* e *Death Is Not The End*, incluem bastante ragga no seu coquetel molotov de dance, soul, tecno e hip hop.

Em 92, SL2 e Prodigy levaram o cruzamento *tecno ragga* para o alto na parada inglesa com "On A Ragga Tip" e "Way In My Brain", respectivamente. O selo do SL2, Suburban Base, é uma das maiores fontes de lançamentos de *tecno ragga*, tipo Son'z Of A Loop Da Loop era. De outros selos, vale conhecer também Family Foundation ("Xpress Yourself"), Original Rockers ("Push Push") e Ratpack ("Searching For My Rizla" e o EP *Changing Styles*). Na esteira dos hits *tecno ragga*, Dr. Alban e Leila K se deram bem com suas tentativas, "It's My Life" e "Open Sesame".

O legado do dub puro continua nas viagens sem fim do grupo The Orb (LP *Blue Moon*), em "The Mighty Mmg!", do projeto Brothers Love Dubs (dos Brothers In Rhythm), "Dub Wars" do Dance Conspiracy e nas faixas da coletânea *Dub House Disco*, do selo independente Guerilla que foi fundado por William Orbit, do Bass-O-Matic.

Enquanto isso, o pioneiro Rebel MC, depois de aprofundar o *crossover* no album *Black Meaning Good* (91), passou a incluir algumas tendências soul no último disco, *Word, Sound And Power*. Seu selo Tribal Bass investe no *tecno ragga*, lançando nomes como Kicks Like A Mule ("The Bouncer"). C.R.

RAGGA

SEXO, DROGAS E REGGAE'N'ROLL

Novos astros são politicamente incorretos – como seus antepassados

A bruxa está solta no circo do dancehall reggae! A síndrome do politicamente correto e as ativas brigadas de defesa das minorias descobriram que os *ragga boys* jamaicanos dizem cobras e lagartos de mulheres e homossexuais, que falam de armas como se estivessem falando de drogas e – para sacudir Bob Marley! – festejam toda a glória de morar bem e passear por aí em carros de bacana.

Tudo começou na Jamaica com a explosão do single "Boom Bye Bye", de Buju Banton, um sebostilhas de vinte anos. A música conta os detalhes comprometedores de um encontro homossexual: "Dois homens abaixam as calças e se abraçam e se deitam numa cama..." Depois manda firme no refrão: "Atirem neles!"

The cow went to the swamp quando o sucesso ganhou os clubes e alguns *hit parades* de rádio nos EUA e Inglaterra. Como quase ninguém entende direito o "jamaiquês" desses meninos travessos, duas associações gays de Nova York – a GLAAD (Gay & Lesbian Alliance Against Defamation) e a GMAD (Gay Men of African Descendent – mobilizaram a mídia sacudindo nas mãos uma versão "decodificada" da letra da música. Deu no que deu

Em Nova York, "Boom Bye Bye" acabou banida em duas FMs – WBLS e WRKS. O jornal *New York Post* tratou do assunto em reportagem de capa. O *Village Voice* e a *I-D* também. Shabba Ranks, mito vivo da cultura raggamuffin', comprou a polêmica: "Homossexualismo é uma doença, é um procedimento maligno. Porque Deus Todo-Poderoso, Ele mesmo, confessa, odeia homossexuais. Na Jamaica, se um cara assim é encontrado na nossa comunidade, a gente apedreja ele até matar"

Baixaria não é novidade na Jamaica, muito menos no reggae. O Caribe todo, aliás, é dado a certos exageros, a excessos passionais na religião, na política, no futebol, no romance (também temos coisas assim aqui no Brasil, pôrra!). Calipso, zouk, rumba, beguine, soca e vários outros estilos da região, desde sempre pisam com os dois pés nas areias do machismo e da sacanagem.

Com o mento, bisavô do reggae, não foi diferente, e depois no ska, no *rock steady*. Mesmo nos anos 70 e 80, eras do saneamento básico instituído pelos rastas, a turma dos *bad boys* manteve-se feliz e altaneira, com muito sexo, drogas e reggae'n'roll

Como nas favelas de Kingston a *Bíblia* sempre se deu a leituras inesperadas e como os tambores e os bonecos de pano continuam funcionando por lá às sextas-feiras, boa parte dos jamaicanos acredita que os homossexuais – *batty boys* – são vampiros disfarçados

As mulheres também não escapam: aquelas entendidas na Jamaica não passam de *zami queens*, espíritos do mal mandados por algum dos muitos feiticeiros que existem (*obeah men*)

É nesse sistema de crenças do crioulo doido que os *bad boys* da ilha são criados. E é exatamente isso que eles cantam em suas músicas, acionando um mercado que, só em Kingston, consegue lançar duzentos singles novos por semana. E um sucesso, até mesmo entre os homossexuais e as mulheres

Mas os EUA não são a Jamaica. Os rapazes do ragga estão sendo pegos no pulo – como Jimmy Cliff no Brasil, perseguido pelas patrulhas feministas quando contou que tinha várias mulheres, a exemplo do que faziam seus antepassados e fazem ainda muitos de seus primos espalhados pela África.

Para muita gente, Shabba, Buju Banton e outros DJs de primeira linha, como Mad Cobra, Bunny General, Papa San, Ninja Man, Super Cat, todos eles neste momento pagam um preço por serem negros e do Terceiro Mundo e que atrás dessa cruzada moralizadora está um raciocínio do tipo "tudo bem, não podemos impedir que vocês tenham sucesso por aqui, mas façam o favor de antes pentear o cabelo e lavar a boca com sabão!"

Por essa, os batutas jamaicanos não esperavam: "Estão levando tudo isso muito a sério" – falou o tal do Buju Banton. "As músicas são apenas um reflexo do que é nossa cultura."

Engraçado que mesmo Yellowman, machista célebre e falastrão, já há alguns pares de anos esculachava o homossexualismo em "Don't Drop Yu Pants", para citar apenas um dos seus sucessos que tratava do assunto. Ninguém falou nada

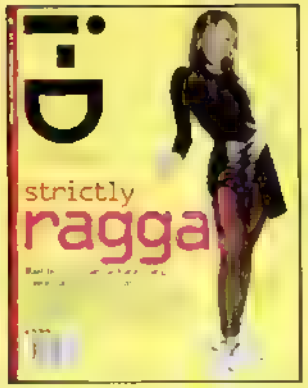
Mas nem só de Sodoma e Gomorra vive a terra do reggae. O DJ Nardo Ranks (aquele do "Burrup") condenou o machismo explícito de Buju Banton em "Them A Bleach" e foi para as paradas. Um certo Crazy saiu em defesa da classe com "Take Ah Man": "Se você não pode com uma mulher, pegue um homem...".

Yula, uma *zami queen* de Nova York, aproveitou a oportunidade de ser entrevistada pelo *Village Voice* e propôs a criação de uma "ordem rasta gay", citando iniciativas similares entre católicos e judeus

A polêmica vai continuar. Há gás suficiente para alimentar o estilo "deixa-que-eu-chuto" dos *bad boys* e também não faltam voluntários de livre opção sexual dispostos a encarar essa parada

Os rastas, parece, preferem não se meter. Conta-se que alguns devotos da lendária Doze Tribos de Israel – a facção a que Bob Marley pertencia – descobriram-se aptos para o vale-tudo na cama. E sobreviveram para admitir a experiência à boca-pequena. Está lá nas escrituras: "quem não tiver pecados que atire a primeira pedra"...

O.R.



O impacto na mídia: a capa moderninha da I-D e Buju Banton, que manda matar gays em seu hit, tratado como herói na revista Reggae Report e vilão no Village Voice

Shabba: "Deus odeia gays"

VIOLÊNCIA MÁXIMA

No final de 92, MINISTRY, HELMET e SEPULTURA excursionaram juntos pelos EUA. Fica difícil imaginar uma combinação de forças tão explosiva e radical.

De costa a costa do país, os shows tiveram lotação esgotada e críticas entusiásticas. Foi o acontecimento musical mais comentado do ano no circuito alternativo, depois do festival Lollapalooza.

Em Los Angeles, penúltima parada da excursão-monstro, ANDRÉ BARCINSKI reencontrou os velhos amigos do Sepultura, trombou os Red Hot Chili Peppers nos camarins, fuçou no backstage e experimentou alguns dos momentos mais emocionantes do rock contemporâneo

Al Jourgensen, Ministry

Não é exatamente o tipo de show para o qual você levaria sua tima. Ministry, Helmet e Sepultura, três das mais violentas bandas da atualidade tocando juntas. O local também não era dos mais adequados: o gigantesco Universal Amphitheater, em Los Angeles, localizado dentro dos estúdios da Universal, um gigantesco parque de diversões com motivos cinematográficos. Enquanto crianças vestidas de ETs deixavam o parque acompanhadas de seus pais, ETs vestidos de criança chegavam para o show. O uniforme da noite: calças rasgadas, tênis de cano alto, camisas de flanela e bonés virados para trás.

Na bilheteria alguns brasileiros, sem saber que tinham um conterrâneo por perto, tratavam de queimar o filme em português: "Vamos lá no camarim [illegible] Sepultura [illegible] filar um gorô". "Meu irmão, estou com uma fome do cacete! Tomara que tenha um rango!" Para alegria dos baões, o guitarrista Andreas chega e libera a entrada.

O baixista Paulo também aparece para encontrar umas [illegible] que estão sem ingresso. [illegible] com a burocracia do teatro. [illegible] sempre que pede autorização para fazer qualquer coisa [illegible] O Sepultura já não está tocando só em pequenos clubes, mas em grandes teatros, onde o [illegible] mais profissional e burocrático.

Los Angeles é a penúltima parada de uma excursão gigante [illegible] em todos os grandes estádios americanos. No Universal Amphitheater, os cartazes do show disputam lugar com as próximas atrações: Keith Richards e Kenny G, dois monstros de vendagem.

[illegible] não parece ter me[illegible] com Max, Igor, Andreas e Paulo. Os [illegible] deixam [illegible] de um camarim para [illegible] seus amigos sem ingresso. Enquanto os camarins de Ministry e Helmet estão em silêncio, o dos brasileiros é uma zona. Os filhos pequenos da empresária Gloria correm de um lado para o outro [illegible] enquanto Paulo [illegible] os roadies [illegible]

[illegible] Sepultura [illegible] língua [illegible] português e inglês (que tal "porto-english"?). Os *roadies* brasileiros ensinam aos colegas americanos palavras úteis como "bosta" e "merda". Um dos filhos de Gloria solta um "seu bicha" e está aprovado com louvor.

Em poucos dias vai nascer um novo rebento para zoncar ainda mais o camarim: o filho de Max com a simpática Gloria, 38 anos e já mãe de cinco. "Está para explodir a qualquer momento", comenta Igor. Max se mostra um pai preocupado: "Amanhã vou passear na praia de Venice com a Gloria. Quero fazer um programa bem tranquilo".

SACANAGEM

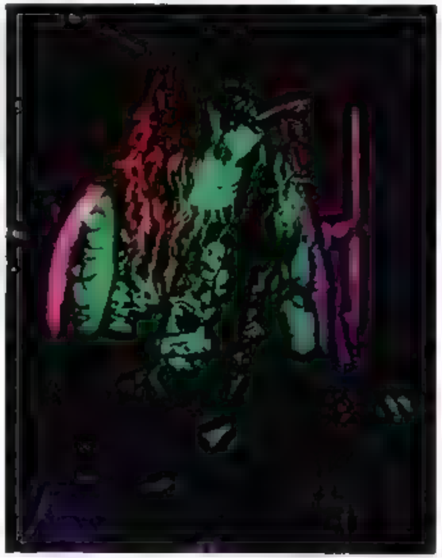
Quando chega a hora de entrar no palco, a tranquilidade dá lugar à revolta: os organizadores cortaram cinco dos 35 minutos do show do Sepultura. Quando a banda [illegible] e mais da metade do público está do lado de fora. "A gente [illegible]", diz Max [illegible] não podemos fazer a passagem de som [illegible] e vamos fazer um *mosh* do caralho". Depois ele conta "um, dois, três, quatro" (assim mesmo, em português) e a banda detona trinta minutos de fúria.

O público não pode se aproximar do palco como Max pediu, porque no luxuoso Universal os lugares são marcados. Com os ingressos a preços exorbitantes, a frente do palco é dominada por filhinhos de papai que gastaram 32 dólares num ingresso enquanto uns alucinados (e pobres) improvisam um *mosh* trinta e cinco fileiras de cadeiras longe do palco.

Mesmo com todos os problemas técnicos, o show do Sepultura empolga o público. "Arise" e "Inner Self" são cantadas em coro e "Orgasmatron", a cover do Motörhead, incendeia o lugar. Quando o show termina e Igor arremessa a guitarra de Max em cima da bateria, o teatro está todo de pé, aplaudindo.

Depois do show encontro Igor e sua namorada, Mônica, no corredor do teatro. Ele conta que gostou mais da excursão que fizeram com Ozzy Osbourne.

"Os caras da banda do Ozzy eram demais. O Zakk Wylde, guitarrista, falou que a gente poderia usar seu equipamento quando a gente quisesse. O baixista entrava no meio do nosso show para dar cerveja para o Paulo. O Ozzy a gente só conheceu no último dia [illegible] Ele ficou um tempão conversando com a gente. Os caras do Ministry e do Helmet são legais, mas são muito fechados, quase nunca falam."



Sepultura: incendiando estádios e encarando a burocracia

O RELÓGIO DO HELMET

Nosso papo é [illegible] interrompido pelos primeiros acordes do Helmet. O público corre [illegible] copos de cerveja [illegible] para não perder nenhum segundo da banda liderada pelo vocalista e guitarrista Page Hamilton.

O Helmet é o novo queridinho do *underground* americano. São quatro caras que poderiam passar por [illegible] com visual de bom moço, cabelos curtos e banho tomado. O [illegible] Hamilton, guitarrista virtuose com formação de jazz, aluno do experimentalista Glenn Branca e ex-membro do Band Of Susans.

Com Branca e com o B.O.S., Hamilton fez trabalhos melódicos e experimentais. [illegible] Helmet [illegible] para uma mais simples [illegible] de Black Sabbath com Big Black [illegible] pesado [illegible] na linha "para escomecar" do Prong.

Em 92, depois de lançar um álbum independente pela Amphetamine Reptile, *Strap It On*, o Helmet foi contratado pela poderosa Interscope por inacreditáveis 1,2 milhão de dólares. Logo a banda se tornou o próximo Nirvana.

Meantime, o álbum de estreia pela Interscope, fez crescer ainda mais a admiração pela banda. O disco é seu mais [illegible] tanto, agressivo mas acessível. A [illegible] Pearl Jam pode ouvir sem sustos e os antigos fãs não têm do que reclamar. Se o Helmet se vendeu [illegible] fez com estilo e bom gosto.

O disco é muito bom. Ao vivo, o Helmet [illegible] uma banda que pretende fazer um hardcore [illegible] é fundamental ter uma base rítmica variada como o Big Black e o Bad Brains. O Helmet tem [illegible] Mas [illegible] que se torna repetitivo [illegible]

As músicas [illegible] de Ayrton Senna e são tão parecidas que não dá para distinguir uma da outra. Mesmo assim [illegible]

DOIDÕES TRANQÜILOS

O camarim do Ministry [illegible] Rosary [illegible] tranquilo. O que [illegible] bebida [illegible] Drogas, é claro, e mulheres... e bagunça.

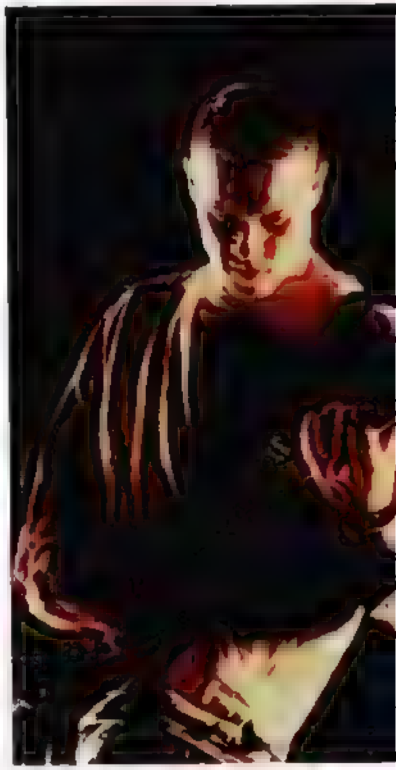
Mas falta só meia hora para a banda entrar no palco e nada de anormal aconteceu. Os *roadies* conversam tranquilos. O baixista Paul Barker mostra as fotos [illegible] sua filha recém-nascida que [illegible] Marlboro.

Está chegando [illegible] guitarrista do Anthrax [illegible] conta que ele e [illegible] devem produzir o próximo álbum da banda. Pouco depois chegam os Red Hot Chili Peppers Anthony Kiedis e Flea, companheiros do Ministry no Lollapalooza. Al se levanta correndo, abraça os dois [illegible] "Que bom ver vocês aqui! Tenho uma coisa quente para mostrar."

[illegible] cabeça [illegible] de [illegible] [illegible] para ele.

Subitamente o Brasil vira assunto de [illegible]. Os dois Peppers comentam que vão tocar lá em janeiro, no Hollywood Rock. Um velhinho simpático, de agasalho e tênis [illegible] que acabou de voltar de São Paulo. "Cidade louca!", grita o coroa, batendo na testa. Ele [illegible] [illegible] o papa do LSD, perdido no camarim do Ministry [illegible] Nem [illegible] doidões se reuniram no mesmo lugar... e se comportaram tão bem.

Bordel completo no tour bus dos brasileiros; abaixo Page Hamilton, precisão mecânica no comando do Helmet



O Fim do Mundo?

Vozes apagadas, música country rotando nos alto-falantes e o Ministry vai entrando no palco. São sete: Al Paul, dois guitarristas, um tecladista, o baterista Bill Rieflin e o vocalista Chris Connelly, dos Revolting Cocks. A única coisa iluminada no palco é o pedestal do microfone de Al, feito de cranios e ossos de animais, puro karaoke de Satã. Ainda na penumbra, Al anuncia "Feliz Natal", essa é N.W.O.

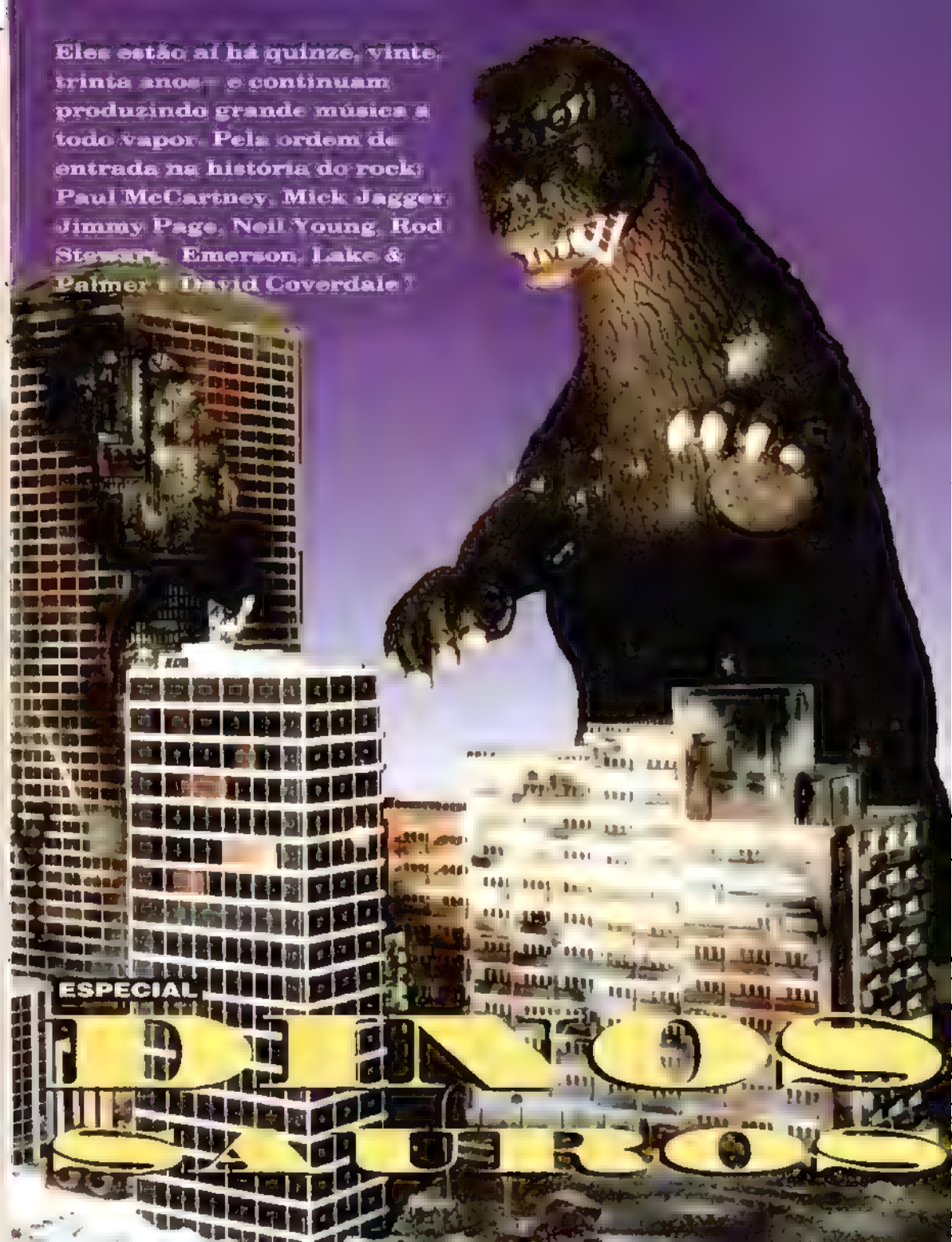
Começa o ritual do "gospel" Lareedo. Em uma tela no fundo do palco são projetadas imagens de pessoas deformadas, acidentes de carro, todo tipo de barbaridade. Na platéia o *mosh* acelera e pelo cos vidam nos ombros dos amigos ate encontrar pela frente uma intransponível barreira de segurancas. Os sete caras no palco quase não se mexem. É um espetáculo épico e ao mesmo tempo minimalista, robótico.

A banda emenda "Just One Fix", hit do album *Psaum 69*. Depois vem antigos sucessos: "Breathe", com voca de Connelly, "Thieves", "Burning Inside", "Stigmata" e "The Land Of Rape And Honey". Connelly canta (grita esgoela) "TV Song".

Nos lados do palco esqueletos de animais dão o tom macabro, lembrando a cenara de torturas de *Hellraiser*. Apesar dos pedidos do público, Jesus Built My Hot Rod, a faixa que Simon Price do *Melody Maker* chamou de "Ace Of Spades dos anos 90", fica de fora do show. Al Paul acham que se Gibby Haynes do Butthole Surfers e o paz de fazer aquele vocal demente.

O bis é glorioso. Scott Ian sobe ao palco para tocar a terceira guitarra em "Supernaut", a cover de Black Sabbath. Para finalizar, outra elegia ao Sabbath: a lenta e mastodontica "Scarecrow", uma fantasia demoníaca que se arrasta por dez minutos e deixa cinco mil pessoas em transe. Com a microfonia das guitarras ainda reverberando nos amplificadores, a banda vai saindo um a um. E o fim do mundo? Não, do show.

Eles estão aí há quinze, vinte, trinta anos — e continuam produzindo grande música a todo vapor. Pela ordem de entrada na história do rock: Paul McCartney, Mick Jagger, Jimmy Page, Neil Young, Rod Stewart, Emerson, Lake & Palmer e David Coverdale?



ESPECIAL

DINOS SAUROS

VIDA PRÓPRIA

Trinta anos depois de fundar "a maior banda de rock do mundo", MICK JAGGER acerta sua carreira solo

Aconteceu o, até então, tido como impossível: Mick Jagger fez um bom disco solo! *Wandering Spirit* é, de longe, a melhor coisa que Mick criou fora dos Rolling Stones desde que se aventurou numa carreira individual, em 85.

Produzido por Rick Rubin (o barbudo esperto que deu aos Red Hot Chili Peppers o maior sucesso da banda, o álbum *Bloodsugarsexmagik*), e colaborando com o guitarrista Jimmy Ripp – a quem Mick conhecera na gravação de um clip para a cover que Bette Midler fez para "Beast Of Burden" –, Jagger permitiu-se o inverso do que se impôs nos (felizmente, para ele) esquecíveis *She's The Boss* e *Primitive Cool*.

É um disco variado, mas fiel ao território que o artista já conhece bem. Rocks classicamente stonianos, como "Wired All Night", "Put Me In The Trash", catarses gospélicas ta faixa-título parente do repertório de *Exile On Main Street*), soul afetado ("Sweet Thing") e covers de "Think" (James Brown) e de "Use Me" (Bill Withers).

Principalmente é um disco descompromissado com modismos musicais do momento, mesma que alguns as primeiras tentativas de Jagger trabalhar sem Keith Richards. Pela primeira vez, Mick vislumbra uma real possibilidade de encontrar vida artística para além de sua maior criação e competição: os Rolling Stones.

Wandering Spirit marca sua volta à Atlantic, lar da gravadora Rolling Stones de 71 a 84. Você veria algo de especialmente notável nesse novo contrato solo?

Entraram algumas pessoas novas, mas os dos cabeças ainda são os mesmos (Ahmet Ertegun e Doug Morris), nos conhecemos há bastante tempo. Assim é mais fácil, porque você não precisa lidar com um "comitê". É uma gravadora ligada na música e não no negócio apenas.

Você quer dizer que a Columbia, sua antiga gravadora, só se preocupava com o negócio e não com a música?

Sim. Nosso relacionamento com a Columbia era bom, às vezes, mas a companhia foi vendida três vezes (risos). A Atlantic pode fazer parte de um conglomerado, mas ainda tem uma identidade própria.

Foi sua a escolha de trabalhar com Rick Rubin nesse disco? Aparentemente, vocês já se conheciam há algum tempo, não é verdade?

Nos conhecemos em Nova York quando ele estava recém-saído da faculdade e fazia somente discos de rap, como os primeiros de L.L. Cool J. Rick estava na metade da gravação do álbum dos Beastie Boys, que era o primeiro disco branco de rap. Depois, ele se separou de seu parceiro, Russel Simmons e começou a se envolver mais com rock.

Eu já havia feito um bocado da preprodução de *Wandering Spirit* antes da chegada de Rick, tinha começado a trabalhar nesse disco ainda em Nova York, gravando na minha própria casa, junto com Jimmy, faixas como "Sweet Thing" e "Angel In My Heart".

Mas queria dar uma garibada nelas, gravá-las com músicos diferentes. Então, fui para Los Angeles, decidido a trabalhar com um produtor. Conversei com alguns – entre eles Rick – e escolhi ele, porque... Quando você faz uma escolha dessas, nunca sabe se vai dar certo, se vai funcionar. É esse o problema: você mergulha de cabeça.

E essa colaboração, deu certo?

Ele gostou da maneira como eu queria que o disco fosse: cheio de estilos diferentes, não apenas um. Embora ele não fosse muito familiarizado com todos aqueles estilos – ele ia aprendendo.

Nesse disco você trabalha com uma variedade de músicos, de Courtney Pine a Flea, de Doug Wimbish (baixista do Living Colour) a Lenny Kravitz. Foram escolhas suas ou de Rick?

Eu já havia escolhido quase todos, quando ele se associou ao projeto. Uma sugestão dele foi o guitarrista Brendan O' Brian que trabalhou com os Stone Temple Pilots e os Georgia Satellites. Courtney eu conhecia da época em que ele trabalhava na *big band* de Charlie Watts e já havíamos trabalhado em "Sweet Thing" ainda em Paris, onde eu conhecera Lenny Kravitz.

Sobrou um monte de coisas dessas gravações em Los Angeles, principalmente as sessões feitas com os Red Devils, um grupo de blues. O que será feito desse material?

É verdade, essa é uma das bandas produzidas por Rick Rubin. Jimmy e eu costumávamos vê-los tocar todas as segundas-feiras numa boate de Los Angeles. Rick sugeriu: "Por que você não faz uma sessão com eles? Poderia ser interessante". Foi o que fizemos pensando em incluir aquilo que gravamos no álbum. Fizemos cerca de quinze faixas, tudo bem rápido, na maioria blues, num só dia. Quem sabe a gente lance um EP, ou um CD de quatro faixas.

Quando Keith Richards lançou o primeiro álbum solo, dizia que na verdade preferia não fazer um disco individual, porque aquilo significaria que o projeto principal dele, os Rolling Stones, não estaria dando certo. Qual é sua motivação quando você faz um disco solo? Você reparte os sentimentos de Keith?

No começo ele estava um pouco preocupado, mas depois passou a gostar de ter uma carreira solo. Eu também gosto muito. Ela me permite explorar outros caminhos, outras formas de expressão.

Não me sinto tão preso ao "mito" dos Rolling Stones. É ótimo participar de uma banda tão famosa. Mas por outro lado, por causa disso as pessoas passam a esperar de você sempre uma determinada coisa. Além disso, é uma unidade corporativa. Quando você sai dela para trabalhar fora, na verdade deixa de carregar um tremendo peso em suas costas. *JOSÉ EMÍLIO RONDEAU*

BEATLE REVOLTADO

PAUL McCARTNEY surpreende com um disco de protesto, um palavrão e um *dance mix*. Explicações abaixo

Lá fora, centenas de fãs aguardam a chance de assistirem a um ensaio de Paul McCartney e sua banda. Enquanto isso, dentro da Docklands Arena, de Londres, Macca em pessoa responde a perguntas de centenas de jornalistas. A ocasião é o lançamento de seu novo álbum, *Off The Ground* e também o início de uma turnê que promete ser tão grande quanto a última.

"É a volta dos Beatles?" é a pergunta na mente de todos. "A televisão inglesa está fazendo um documentário sobre a banda. Então sugeri que, se precisassem de música para o programa, eu, George e Ringo talvez pudéssemos compor algo. Foi só abrir a boca que virou manchete!"

Ainda neste assunto, McCartney nega que esteja tentando comprar de volta as músicas dos Beatles que pertencem a seu (ex?) amigo Michael Jackson. "Quando éramos jovens, eu e John não sabíamos que você podia ser dono de uma música. Achávamos que as músicas ficavam flutuando por aí, para quem as quisesse", ele diz rindo. "E sabe que fui eu quem sugeri a Michael que investisse nesse ramo? Ele ainda falou 'Vou comprar as suas músicas'." A imitação perfeita de Jackson provoca gargalhadas. "Depois é que descobri que ele não estava brincando!"

Off The Ground é um disco mais duro, mais rock'n roll – foi gravado ao vivo no estúdio – e mais político. "Essa 'volta às raízes' foi porque me dei conta de que os melhores momentos que eu tinha passado num estúdio haviam sido com os Beatles, quando eu e John chegávamos com uma música nova e gravávamos em uma hora."

Os protestos ("Get Out Of My Way") se misturam à esperança ("Hope Of Deliverance") e a duas colaborações com Elvis Costello ("Mistress And Maid" e "The Lovers That Never Were"). "Big Boys Bickering" – lado B de "Hope Of Deliverance" e não incluída no disco – foi banida pelas rádios. Nela, McCartney usa pela primeira vez a palavra *fucking*. "Não costumo usar esta palavra, mas desta vez foi necessário, como protesto. Quem não quiser que as crianças ouçam, tranquem-as para fora. Outro compre o disco." Alguém pergunta: não é injusto que um compositor de músicas românticas dedique quase um disco inteiro a comentários sociais? "As pessoas se esquecem que escrevi coisas como 'Helter Skelter' e 'I'm Down'. Só se lembram de 'Yesterday'."

É só para não dizerem que ele é quadrado: Macca está invadindo a *dance music*. O que os fãs vão pensar? "Não dá para ignorar o que está acontecendo. Se eu fosse jovem também estaria dançando num clube. Então, pedi para dois remixadores samplearem algumas coisas do disco e montarem uma outra faixa dançante."

E *ecstasy*, ele tomaria? "Não sei. E você? Ciao, *and thanks*." Com isso ele se vai – para agradar ao fã-clube, com uma prévia da sua turnê em 93. Brasil de novo? Quem sabe? *ANAMARIA G. DE LEMOS*

RESSURREIÇÃO

Bem-vindos ao show que nunca acaba: com vocês, EMERSON, LAKE & PALMER!

Sid Vicious deve estar rolando na cova. John Lydon encostou a navalha nos pulsos, aos prantos, inconsolável. Joe Strummer já se internou no asilo de loucos mais próximo, rindo sem parar: tudo porque o Emerson, Lake And Palmer voltou!

Tudo aquilo a que o punk se propôs a detonar – a pompa quase circense do assim chamado *art rock*, que a banda prefere chamar de "música futurista" – ressurgiu dos mortos e com espírito vingador.

Simultaneamente, sob a forma de um disco de estúdio (*Black Moon*, lançado no ano passado), de um álbum ao vivo (gravado no Royal Albert Hall, em Londres) e de uma turnê mundial que apresenta a nova encarnação do trio para multidões de convertidos e de novos fãs.

E vem mais por aí: uma versão de estúdio de *Pictures At The Exhibition*, lançado originalmente em 71, numa gravação ao vivo.

Antes de embarcar para o Brasil, onde a banda se apresenta pela primeira vez, Greg Lake contou essa história numa suíte de hotel em Cleveland, Ohio.

Essa volta do ELP resultou de uma reunião do trio para gravar uma trilha sonora de filme, certo?

O propósito da reunião, na verdade, era ver do que éramos capazes de fazer numa trilha. Uma vez pronta, eles procuraram um filme apropriado para ela.

Alguma coisa acabou virando *Black Moon*. Na medida em que íamos gravando, ficou óbvio que estávamos fazendo um álbum, e não somente uma trilha sonora.

Foi desconfortável tocar juntos, de novo, depois de quinze anos?

É como você ter um carro velho maravilhoso, que não dirige por muito tempo, e chega um dia em que você vira a chave e diz: "ah, então é assim!" Você ouve o motor novamente e se entusiasma.

O que provocou o desmembramento da banda, ainda nos anos 70?

Fazíamos uma média de 180 shows por ano e gravávamos um novo disco a cada dezoito meses, ou algo assim. Foi assim durante dez anos e nos esgotamos. Precisávamos parar, descansar e fazer coisas de menor intensidade, projetinhos individuais. *Love Beach* foi gravado apenas por uma obrigação contratual, fomos forçados a fazê-lo. Mas nunca "brigamos", sempre mantivemos contato, mais ou menos.

***Love Beach* foi lançado em 78. Bandas como ELP eram os alvos favoritos da fúria reformista do punk. Como vocês reagiram a isso?**

Bom, já havíamos tomado a decisão de parar um ano antes. Mas hoje, quando penso em tudo que se passou... ainda estou aqui! E o punk, onde está?

Mas você não vê resultados diretos do punk no rock de hoje em dia? Você não acha que o punk revigorou o rock?

Não. Se o punk pode se gabar de algo, é de ter feito com que a música começasse a se deteriorar, até chegar onde chegou hoje: a um triste estado de bobagens homogeneizadas. Foi provavelmente a primeira tendência musical que pode ser considerada de todo contraproducente: não deu contribuição alguma à música, apenas a degradou, desde então.

Nenhuma banda daquele período teria contribuído positivamente?

Grupos como The Police foram bons, mas não foram muitos os que deixaram sua marca na história da música, da mesma maneira que The Who ou Jimi Hendrix, os Stones, os Beatles e o Led Zeppelin deixaram. Não acho que o mesmo possa ser dito do Metallica ou dos Guns N Roses.

Me referia a Sex Pistols e The Clash.

Bem, eles eram OK. Foram meio que uma moda, numa determinada época. Mas pergunto: o que eles deixaram para trás? Eu não sei! *J F R*

BANQUINHO E VIOLÃO

Influência na geração *grunge* (e outras), NEIL YOUNG mostra o porquê em um *Acústico*

"Bem-vindos ao ensolarado sul da Califórnia", saúda Neil Young, com mais de um pouco de sarcasmo escorrendo de seu sorriso maroto, quase cruel. Ele ajusta os *raybans* pretos, mergulha a harmônica num providencial copo d'água e passa a afinar o violão.

A platéia ri, nervosa: lá fora é noite e uma chuva torrencial castiga Los Angeles como se São Pedro tivesse uma *vendetta* particular contra a cidade. O dilúvio, no entanto, é a última coisa na cabeça dos convidados que lotam um dos *soundstages* dos estúdios da Universal.

Plebeus, meros mortais e astros legítimos - entre eles Peter Buck, Mike Mills e Michael Stipe, do R.E.M., lado a lado com Sean Penn – estão diante de uma rara apresentação acústica do inquieto Neil Young, para mais um *MTV Unplugged*.

Quando não tocava sozinho, no violão, no órgão de pedal e no piano, o canadense foi apoiado pela banda básica que o acompanha no já predominantemente acústico *Harvest Moon* (os Stray Gators) e pelos convidados especiais Nicolette Larson e irmã (vocais) e Nils Lofgren (guitarra, violão, acordeão).

Young percorreu caminhos tão obscuros de seu repertório que até mesmo o fã mais fiel precisava pensar um pouco antes de afirmar com precisão qual canção ouvia. Os cavalos-de-batalha, os marcos de carreira, surgiam aqui e ali – "Like A Hurricane" (eletrizante!), "Helpless", "Long May You Run" (do álbum homônimo, gravado com Stephen Stills, em 76), "The Needle And The Damage Done" (a pedidos de uma pessoa da platéia, totalmente fora do script).

Mas os desvios para as canções mais desconhecidas ofereciam surpresa maior: "Sample And Hold" e "Transformer Man", meditações pré-cyberpunk, da fase protótecno registrada no álbum *Trans*, de 83, ganharam ressonância e ironia especiais, despidas daqueles sons eletrônicos das versões originais.

Ocasionalmente ele interrompia a banda, "graças à espontaneidade da televisão", para reiniciar uma canção no andamento ideal (como fez com "War Of Man"). Young executou, em última análise, um show acústico *low profile*, quase modesto – mais em veneração ao que dizem as músicas do que em celebração própria. Como diz a letra na canção de fechamento do espetáculo, "From Hank To Hendrix": "Aqui estou, com essa velha guitarra/Fazendo o que eu faço". *J.E.R.*

FACES DOS 70

ROD STEWART volta aos anos dourados, na boa companhia de RonWood

De uns dez anos para cá, o ex-coveiro beberrão não tem feito muita coisa que preste. Confesso que fui assistir à gravação do seu *Acústico MTV* com um pé atrás.

Rod tratou logo de afastar esses temores: "Não vou tocar nenhuma música que não tenha pelo menos dez anos". Para melhorar as coisas, chamou ao palco Ron Wood, o guitarrista dos Stones que tocou com ele nos lendários Faces.

Rod escalou uma banda de onze membros, com violões, baixo acústico, dois pianos, bandolins, gaita e vocais de apoio. Uma orquestra com cerca de 25 músicos ajudou nas faixas mais lentas.

Em duas horas ele cantou 21 músicas de um repertório centrado em clássicos do Jeff Beck Group, dos Faces e do início de sua carreira solo.

Honrando sua tradição de esponja, Rod não largou um minuto de seu copo de conhaque, reabastecido a cada quinze minutos por um *roadie*. Assim embalado, cantou "Hot Legs" e "Tonight's The Night".

Depois convidou Ron Wood a "lembrar os bons tempos" com uma versão de "It's All Over Now". Rod apresentou "Reason To Believe" (71) com o comentário mais engraçado da noite: "Quando eu fiz essa música, minha mulher só tinha um ano de idade!" A orquestra entrou para acompanhar o cantor numa série de baladas, como "Handbags And Gladrags" e "The Killing Of George".

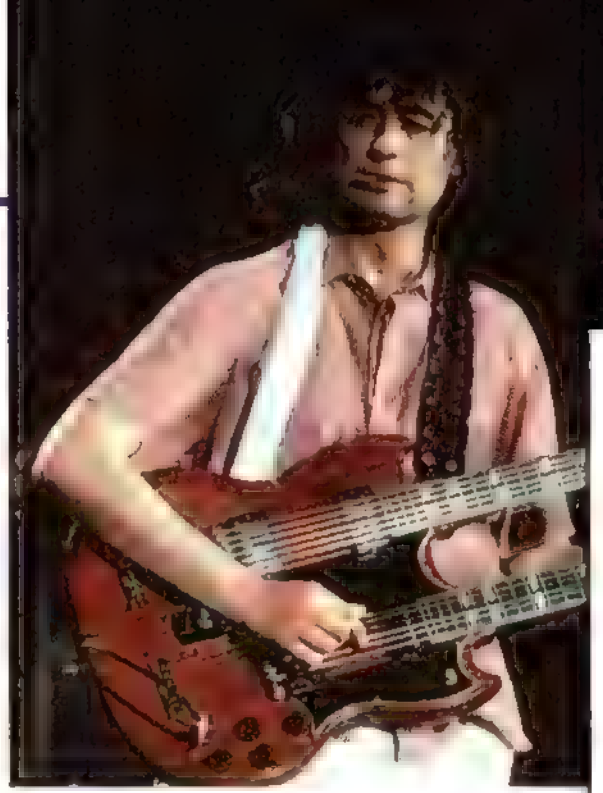
A coisa esquentou quando ele convidou "todas as mulheres da platéia" para sentar na beira do palco. Com 25 deusas – literalmente – babando aos seus pés, Rod se soltou: subiu numa cadeira, ameaçou tirar a camisa e distribuiu conhaque para as fãs.

A banda atacou numa série de rocks de festa, como "Forever Young" (a única vez que quebrou sua promessa de só tocar antigas), "Gasoline Alley", "Blues Shuffle" e "Sweet Little Rock'N'Roller". Rod pegou um banjo para tocar "Mandolin Wind" e depois mostrou sua famosa presença de palco aeróbica, numa empolgante versão de "Stay With Me", dos Faces. O público vibrou, talvez achando que se tratasse de alguma cover dos Black Crowes.

O encerramento foi com "Having A Party", de Sam Cooke, um de seus maiores ídolos. Por duas horas, Rod Stewart voltou a ser o carismático cantor dos anos 70, que todo mundo admira. Tomara que tome jeito. *ANDRÉ BARCINSKI*

WHITE ZEPPELIN

Dois dos maiores nomes do hard rock, JIMMY PAGE e DAVID COVERDALE juntam as forças para um álbum



"Gal Tropicana?", indaga Jimmy Page, talvez tentando se referir – só Deus sabe – a Gal Costa. "Roquinho!", intervém David Coverdale em sua melhor imitação de locator da Rede Globo.

Cada um à sua maneira e na medida das possibilidades de seus respectivos neurônios, Page e Coverdale tem, em comum memórias (ou algo muito parecido) do Rio de Janeiro, que foi a cidade por onde passaram (em separado) em 78 (Jimmy, a passeio) e em 85 (David, tocando com o Whitesnake).

Mas não é a única coisa que os dois músicos repartem ambos, por diferentes motivos, carregarão sempre nas costas o peso do Led Zeppelin. Para Page, *et pour cause* o grupo, até prova em contrário, ainda é sua obra-prima.

Coverdale, por outro lado, já foi acusado de sub-Robert Plant, desde seus tempos de Deep Purple (e já na sua estréia, no álbum *Burn*) e de Whitesnake. O próprio Plant o chamou de "David *Cover* Version". A acusação não diminuirá quando sair *Coverdale/Page*. O álbum resulta de uma colaboração iniciada dois anos atrás que, nas palavras da própria divulgação da gravadora Geffen, "soa como o Led Zeppelin".

Eu queria dar prosseguimento ao trabalho iniciado com meu último disco solo *The Outrider*" explica Page, detalhando os planos que tinha para depois da turnê de promoção de seu primeiro álbum solo.

"Mas não encontrava um vocalista – sem exagero, eu tinha fitas de vinte vocalistas diferentes e todos eles eram mornos. Não me entusiasmava nem um pouco a idéia de ter que compor para aqueles caras. Até que meu empresário sugeriu o nome de David, que não estava fazendo nada em particular, naquela época. Pensei um bocado sobre isso – ele é um cara profissional, um tremendo cantor – e topei marcar um encontro com ele em Nova York." Coverdale intercede: "Para ser completamente honesto, estávamos numa situação social, primeiro, porque ainda não existia projeto nenhum.

A primeira consequência desse encontro foi logo "Absolution Blues", uma canção com um parentesco maior com o repertório dos Guns N Roses que com o currículo de David e Jimmy. As demais faixas de *Coverdale/Page*, como não poderia deixar de ser diferente, esbarram em duas referências, o Led Zeppelin ("Pride And Joy" parece saída das sessões para o terceiro álbum da banda, enquanto "Easy Does It" lembra algum momento do quarto disco e "Over Now" revisita o mesmo clima de "Kashmir") e o Whitesnake ("Waiting On You" e "Whisper A Prayer").

Os dois carregam com naturalidade o peso de seus passados ilustres. "Não é um problema nosso", afirma Coverdale, "ele tem muito orgulho do passado dele e eu também tenho do meu."

"Obviamente" emenda Page, "sabíamos que a combinação desses dois nomes provocaria uma pré-concepção do que seria o projeto. Mas nossa preocupação principal era gravar um disco que estivesse à altura das nossas expectativas. Caso contrário, apertaríamos as mãos, nos despediríamos um do outro e fim de história." *J.F.R.*

SUPERPROMOÇÃO

ROCK'N PRÊMIOS

Nesta e na próxima edição de Bizz, você vai encontrar envelopes com 4 figurinhas coloridas que trazem os símbolos das maiores bandas de rock do mundo. Cole onde quiser e delire com seus grupos preferidos.

E MAIS: ACHOU GANHOU!

Prepare-se para ganhar prêmios chocantes. Encontrando os vales-brindes dentro dos envelopes de figurinhas, você ganha CDs incríveis! Tem Faith no More, U2, Bon Jovi, L7 e muitos outros. Para receber seu CD basta anexar a parte colante do vale-brinde numa folha à parte e preencher com seus dados completos. Depois ponha num envelope e mande rapidinho para "SUPERPROMOÇÃO ROCK'N PRÊMIOS BIZZ" — Caixa Postal 66 254 — CEP 05389-970 — São Paulo — SP. São 3000 CDs para você. 1000 em cada edição. Participe!

REGULAMENTO:

1. A Superpromoção Rock'n Prêmios Bizz é válida em todo território nacional permitindo a participação de todas as pessoas que adquirirem a revista Bizz.
2. Nesta e na próxima edição da revista Bizz serão encartados envelopes contendo 4 cromos autocolantes cada um. Alguns destes envelopes vão trazer 5 cromos, sendo um deles, vale-brinde.
3. Cada vale-brinde poderá ser trocado pelo prêmio descrito no mesmo, não podendo haver troca de prêmios.
4. Encontrando um vale-brinde, o concorrente deverá anexar a parte colante numa folha à parte, preencher com seus dados completos, como nome, endereço, CEP, cidade, estado, telefone e RG do ganhador ou responsável e enviar para a "Superpromoção Rock'n Prêmios Bizz", Caixa Postal 66.254 - CEP 05389-970. O verso deverá ser guardado como comprovante. OBS: o vale-brinde traz, também, um número secreto para você esclarecer quaisquer dúvidas. A ligação é grátis.
5. Os prêmios serão entregues via Correio/Sedex acompanhados do AR (Aviso de Recebimento) expedido junto à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.
6. Os prêmios ficarão em exposição na sede da Editora Azul, à Av. das Nações Unidas, 5777 Pinheiros - São Paulo - SP.
7. O prazo máximo para retirada/reclamação dos prêmios será de, no máximo, 180 dias da data de lançamento em banca da edição.
8. Não terão validade os vales-brindes que não apresentarem condições básicas para a verificação de sua autenticidade.

BIZZ

EDITORA AZUL

Brasil vai Dançar

Skank Skank Skank

o grupo mineiro saltou da independência para uma grande gravadora em três acordes

No final de 92, um segredo musical até então restrito às Minas Gerais marcou presença nos cadernos de cultura dos principais jornais do país: era o Skank, cujo CD de estréia (bancado às próprias custas pelos músicos) trazia um saleroso mix de reggae, power-pop, ska e dancehall, com letras inteligentes *pero* divertidas.

Mais uma *overnight sensation*? Em termos. Samuel Rosa (vocal, guitarra), Lelo Zaneti (baixo), Henrique Portugal (teclados) e Haroldo Ferreti (bateria) levaram dois anos para se impor em Belo Horizonte. Dos primeiros shows, no bar Jamis, à temporada de eventos de massa (média de público entre 3 e 5 mil pessoas!), em sítios na região periférica da cidade, o Skank arrebanhou um público capaz de invejar muitos "medalhões" por aí.

Otimistas, mas com os pés no chão, Samuel, Henrique e Fernando Furtado (empresário, produtor, *partner* musical e fã nº 1 do Skank reunidos numa só pessoa) avaliam as chances do grupo vir a acontecer em nível nacional, em 93. "Há alguns meses, tudo era uma incógnita. A única certeza era o apoio das rádios daqui. Hoje, temos notícias de que nossas músicas estão sendo tocadas não só em FMs de São Paulo, Rio e Vitória, mas também em algumas casas noturnas", diz Samuel Rosa.

Levando em conta as habituais dificuldades que cercam a distribuição indie no Brasil, o CD independente do Skank não poderia ter tido melhor desempenho. "Fizemos 3.000 CDs a um custo total de 10.000 dólares", contabiliza Henrique. "Muita gente achou que era loucura nossa empatar esse grana, mas as vendas falam por si. Só nos primeiros 45 dias, foram vendidas 1200 cópias. O problema maior são as lojas dos outros Estados, que só querem trabalhar num esquema de consignação", lamenta.

Na hora de optar pela edição do disco apenas no formato compact-disc, o fator "divulgação" foi preponderante. "Lógico que queríamos chamar a atenção das gravadoras. Quando circulamos por algumas delas, vimos pilhas e mais pilhas de fitas-demo e portfólios mofando pelos cantos. Com o CD na mão, é um pouco diferente, as pessoas te dão mais atenção, o trato é melhor."

Em prazo, a novidade: A Sony Music, em meio à troca de seu diretor artístico (Jorge Davidson, ex-EMI Odeon e "descobridor" dos Paralamas e Legião, assumiu a vaga deixada por Marcos Kitzer – mais detalhes sobre os troca-trocas nas gravadoras nas próximas edições), abocanhou o passe do Skank. O CD, remixado no estúdio Nas Nuvens e com uma nova capa, está sendo relançado este mês. Deve ser o primeiro passo para a invasão total das ondas de rádio brasileiras.

A depender dos contatos feitos com Fortaleza, Curitiba, Vitória e outras praças, o Skank parece mesmo destinado a se tornar conhecido do Oiapoque ao Chuí. Ainda que, por vias totalmente absurdas, conforme atesta o telefonema que, dia desses, o grupo recebeu – pasmem! – do Parque do Xingu. "Quem ligou foi o Joca, dentista e agitador cultural da região", que, segundo Fernando, "é amicíssimo do Paulinho Paiakan (épa!) e ex-guitarrista de uma banda de Altamira na época da Jovem Guarda. Ele quer nos levar lá para um show e até nos convidou para conhecer a floresta amazônica", diz Fernando. Sting que se cuide.

ARTHUR G. COUTO DUARTE (colaborou *CARLOS EDUARDO MIRANDA*)

SHOPPING BIZZ

DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS

spider

CD'S
& CASSETES

TEMOS EM ESTOQUE

BLACK FRANCIS (PIXIES) - *FRANK BLACK*
LIVING COLOUR - *STAIN*
DEPECHE MODE - *SONGS OF FAITH*
NIRVANA - *PSYCHOTIC REACTION*
MINISTRY - *PSALM 69 / MIND SA TERRIBLE*
THE SMITHS - *HATFUL OF HOLLOW*
PORNO FOR PYROS - *PORNO FOR PYROS*
DINOSAUR JR - *WHERE YOU BEEN*
U2 - *WELCOME TO BOSTON*
NINE INCH NAIL - *BROKEN*
INFECTIOUS GROOVES - *SARSAPUS ARC*
LEMONHEADS - *IT'S A SHAME ABOUT RAY*
NUCLEAR ASSAULT - *SOMETHING WICKED*
THE CURE - *DIFFICULT TO CURE*
808 STATE - *GORGEOUS*
PEARL JAM - *CHILDREN OF NOVELTY*
SKATENIGS - *STUPID PEOPLE*
HELMET - *MEANTIME*
SUGAR - *COPPER BLUE*
R E M - *POETS OF WHEAT*
GOD MACHINE - *SCENES FROM SECOND*
THERAPY? - *NURSE*
METALLICA - *DAMAGE JUSTICE TOUR 89*
P J. HARVEY - *DRY*
BELLY - *STAR*
PIXIES - *LIVES IN U.S.A.*
BUTTHOLE SURFERS - *INDEPENDENT WORM*
THRASHER SKATE ROCK - *VARIOS*
MEAT BEAT MANIFESTO - *SATYRICON*
THE DOORS - *CANADIAN NIGHT*
ICE T - *HOME INVASION*
BODY COUNT - *BODY COUNT*
PAVEMENT - *SLANTED & ENCHANTED*

VINIL NACIONAL

DE FALLA - *KINGZOBULLSHIT*
SECOND COME - *YUU*
VIPER - *EVOLUTION*
YO-HO DELIC - *YO HO DELIC*
RACIONAIS MC - *HOLOCAUSTO URBANO*
VIRNA LISI - *ESPERAR O QUE?*
KILLING CHAINSAW - *KILLING CHAINSAW*
GASH - *GASH*
IMPORTANTE - *VENDEMOS APENAS NACIONAIS DE BANDAS NACIONAIS INDEPENDENTES E NÃO VENDEMOS VINIL DE BANDAS INTERNACIONAIS*

TEMOS CAMISETAS DE BANDAS ALTERNATIVAS

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Rua Visconde de Pirajá, 281 - Sl. 212 - Ipanema - Rio
CEP 22410-001 - Fonefax (021) 521-8040

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO

CENTRAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

NACIONAIS E IMPORTADOS
ATENDEMOS TODO O BRASIL
FAX: (011) 815-0880
FONE: (011) 883-5080
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
NOVA LOJA EM GUARULHOS
Rua Padre Celestino, 70 - Centro

BIZZ

PARA
ANUNCIAR
LIGUE:

(011) 816-7866
Ramal 212

EDITORA AZUL

- Locação e vendas de CD's (EUA, Europa e Japão)
- Acessórios, revistas e informativos das tendências mundiais
- Selos alternativos
- Atendimento personalizado
- Conceito, ambiente e forma em Pop, Rock, Dance
- Pink Industry, Dif Jus, Innocence, A.R. Kane, ORB, Lush, Nine Inch Nails, Cindytalk, Frazier Chorus, DAF.

MO' BETTER CD's RENTAL AND SALE LTDA.
R. Nazaré Paulista, 438
Alto de Pinheiros
Tel.: 62-0108

MO BETTER CD

LONDON CALLING

A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES

SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO

RARIDADES DE: U2 • RAMONES • DOORS • MADONNA • RED HOT • L7 • NIRVANA • STOOGES • PISTOLS • D.K. • MINISTRY • CURE • ZEPPELIN • SISTERS • PET SHOP B.

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO PAÍS
SOLICITE CATÁLOGOS

FONE: (011) 223-5[illegible]

DISCOS, CDs E VÍDEOS

R. 24 DE MAIO, 116 - RUA ALTA - LOJA 15
E NOVA LOJA NO Nº 29 - GABBA GABBA HEY
FONE: 222-6679 - CEP: 01041 - CENTRO - SP

P.I.A.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Pearl · Fender · Marshall · Ibanez · Peavey · Ensoniq · KORG

Toda a linha com um ano de garantia.
Solicite catálogo e preços por telefone.
COMPRA • VENDA • TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
Rua Teodoro Sampaio, 763 lj 09/14
(011) 282-5653 - Fax: (011) 643-4430 CEP: 05405-050

PAI DO ROCK

INSTRUMENTOS MUSICAIS
VENDA - TROCA - CONSIGNAÇÃO
CONCERTO E AULA DE GUITARRA
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO, 365 - FONE: (011) 883-5788
CEP: 05405-PINHEIROS - SÃO PAULO - SP

INDIE RECORDS & VIDEOS

CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO BRASIL
Av. Pedroso de Morais 1053 / Tel: (011)816.1220
Fax: 815.9882 / CEP: 05419-001 São Paulo SP

PRO POR SOM

REVENDEDOR AUTORIZADO
FENDER · HADY SYSTEMS · TAMA · JIM DUNLOP · DI MARZIO · ENSONIQ · BOSS · ZILDJIAN · PEAVEY · RENO
ALESIS STUDIO ELETRONICS
E MUITO MAIS !!
R. Teodoro Sampaio, 763 lj 01
CEP: 05405-050 - SP
F: (011) 64 6919

E A COLEÇÃO CONTINUA...

CD e 12"

Na compra dos 2 últimos lançamentos dos famosos Megamixes Europeus
VOCÊ RECEBERÁ UMA CAMISETA BRINDE

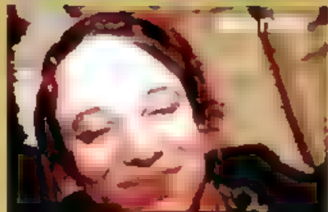
Mix Stuff

O MUNDO TOCA AQUI
Rua Brigadeiro Tobias, 470 - 1º andar - Salas 08/09
São Paulo - SP
Tel.: (011) 229-5486 - Telefax: (011) 228-7580

Rio 3, SP zero. São Paulo foi pior que o Rio em termos de infra: a polícia foi mais pentelha, bruta e com seus cavalos espalhou estrume em volta de todo o Morumbi. A cerveja "quentinha" saía por Cr$ 25 mil, enquanto que no Rio a mesma custava Cr$ 10 mil e vinha gelada num copo com tampa. Por outro lado, no Rio as brigas correram muito mais soltas. Tinha cara puxando berro e tudo mais, mas passou longe de ser um Altamont e ninguém morreu.Mais: o som do Rio estava mais alto e melhor. Em São Paulo ficava embolado e distante, que nem quando o vizinho fica ouvindo rock alto • **Anthony Kiedis** queria muito experimentar o chá de Santo Daime. Ninguém agitou a parada! • **Edu K:** um cara que tem a manha de colar *dreadlocks* de lã rosa na cabeça com Super-Bonder merece ascensão imediata ao primeiro time do pop brazuca • Depois falam que brasileiro é **malandro:** a menina que devolveu o valioso cordão de **Layne Staley**, do Alice In Chains, não quis a recompensa (mixuruca) de quinhentos dólares, discos autografados e acesso aos bastidores • Quando **Kurt Cobain** começou a cuspir demais nas câmaras da Globo e se **masturbar**, mandaram cortar e reprisar Dr. Sin e Engenheiros. Diretor geral da transmissão: **Roberto Talma** • A que ponto chegamos? Uma das atrações do festival foi uma banda de covers: **MBB** ("meus brothers blueseiros") • **Covers legais:** "Crosstown Traffic", de Jimi Hendrix (Red Hot); "Sossego", de Tim Maia (DeFalla); "We Will Rock You" do Queen, "Rio" do Duran Duran e "Kids In America" de Kim Wilde (Nirvana) • **Ian MacKaye**, do Fugazi, e **Big John**, do Exploited, vieram como *roadies*, respectivamente, do L7 e do Nirvana. Jornalistas grunge-alternativos (a nova mania) deliraram • Correndo por fora, sem alarde, sem paparicação, o **Simply Red** acabou fazendo um dos melhores e mais populares shows do evento • É "grunge", "grunji" ou "grandj"? • Quando a Globo vai se tocar que o perfil do **Kubrusly** está mais para concertos de orquestra no parque do que show de rock? • **Críticos** que "ousaram" não gostar do show "desconstrutivista" do Nirvana em SP (não foram poucos) foram duramente malhados pela sua opinião por um colega de *O Globo* • Deu numa pesquisa do mesmo jornal: **Pearl Jam** foi disparada a banda que mais as pessoas queriam que tivesse vindo. **U2** bem atrás em segundo lugar • **Maiores mancadas:** 1) Chamar Midnight Blues Band de banda de blues (só tocam clássicos de soul e r&b); 2) O sofá grunge da MTV num cenário preparado para a entrevista do L7; 3) Chamar Kurt e Courtney de "Sid & Nancy do grunge"; 4) Todos os jornais começarem a escrever "Kurdt Cobain" (ele muda a assinatura toda semana) • O **Hollywood Rock 94** já está prometido. Começaremos a pensar em nomes a partir do meio do ano. .

L7

O QUE A BANDA MAIS SURPREENDENTE DO HOLLYWOOD ROCK 93 TEM A DIZER SOBRE SUZI QUATRO, MACONHA, PUNK E OUTROS ASSUNTOS NA ORDEM DO DIA? JENNIFER FYNCH E SUZY GARDNER ABREM SEU CORAÇÃO PARA CAMILO ROCHA



Rock'n'roll é menos machista agora do que dez, vinte anos atrás?

Jennifer Acho que sexismo vem em [illegible] mas em todas os [illegible] da sociedade. [illegible]

Suzy [illegible] As coisas estão mudando.

Desde a new wave não se ouvia falar em banda de rock de mulheres...

J [illegible] somos ligadas ao punk e à new wave.

S Estamos nessa faz tempo. [illegible] em 85. [illegible] em 86. [illegible]

O período new wave então é sua grande inspiração?

J Punk [illegible] new wave.

S Mas também folk rock dos anos 70.

Gostam de Suzi Quatro?

J [illegible] *Happy Days*.

Aquele com o Fonz, sobre os anos 50?

J Isso. [illegible] Fonz [illegible] dos anos 50 [illegible]

tocando rock. Tirando Big Mama Thornton
S Havia muitas vocalistas femininas, mas não garotas com instrumentos.

PUNKS

Dizem que o punk só foi acontecer em grande escala na America o ano passado. Na Inglaterra foi em 77 e nos EUA em 92. Vocês concordam?

J Esse conceito surgiu quando Kim Gordon e Thurston Moore, do Sonic Youth, declararam que 92 foi o ano em que o punk finalmente estourou geral.

S Tivemos grandes bandas punk na America naquela época. Não durou muito mas elas eram grandes, faziam shows gigantes.

Tipo Dead Kennedys, Black Flag (antiga banda do nervoso Henry Rollins)....

Juntas Black Flag!

J O Black Flag se apresentava em estadios para um publico de cinco mil pessoas e nunca tocava no radio, exceto um pouco em *college radios*.

CORREÇÃO POLÍTICA

Que causas políticas vocês apoiam?

J Causas humanitarias. O direito de pessoas de diferentes sexos e cores serem iguais umas para as outras e serem representadas pelo governo de maneira igual. Algo que tem me perturbado muito é essa ridícula situação da Bosnia e os campos de estupro. Não posso acreditar que nosso governo e a mídia americana não estejam fazendo nada, a não ser no Oriente Medio. Tambem começamos uma organização em Los Angeles, Rock For Choice ("*rock pela escolha — o direito de opção pelo aborto ou não*"). O aborto nos EUA é legal mas a política dos governos de direita tem [illegible]. Começamos essa organização para aumentar a conscientização entre os eleitores jovens.

S A perspectiva está melhorando um pouco [illegible] a esse assunto porque [illegible] pró-escolha. Há esperanças. Mas ainda estamos trabalhando em direção a outros alvos como a legalização do [illegible] aborto.

Vocês apoiam causas como a legalização da maconha?

J Apoiamos. Acho que todas as drogas deveriam ser legalizadas.

S Eles tiraram maconha dos pacientes com câncer recentemente nos EUA. Foi terrível. Uma mulher de idade, [illegible] mesmo, foi presa porque estava dando

> "Country antigo, Bob Dylan, discoteca, punk, surf music - é tudo legal"

fumo para doentes com câncer. [illegible] como traficante e estava [illegible]

J Eu e Suzy não usamos drogas. Quanto aos outros, é o seu corpo e você deveria poder fazer o que quiser com ele. A legalização reduziria o crime e a violência.

GOSTOS

Quais suas bandas favoritas agora?

J Estou ouvindo muito os Mutantes. Não sei quais discos. Tenho uma fita só com os nomes das músicas. Eles estavam bem à frente do seu tempo. É tão estranho, tão fora de qualquer coisa. É maravilhoso.

S Temos escutado Helmet, Nick Cave. Ouvimos country antigo do fim dos anos 50 e começo dos 60, Patsy Cline, George Jones. Quando você está em turnê, se ouvindo som alto, é bom mudar de estilo. Eu escuto muito folk, Bob Dylan. A Dee ouve muito Motown e os Beatles. Temos uma ampla variedade de gostos musicais. Gostamos de música *disco*. Quando estamos fazendo farra no ônibus, dançando pela estrada afora, ouvimos *disco*.

J *Disco* é legal... Rock dos anos 60 como Sonics e Sam The Sham & The Pharaohs. Esses negócios são demais! Os Sonics são de Seattle, sabia? Eles são muito [illegible].

Que covers vocês tocam?

J Ao vivo? Ahnn, Dead Kennedys, "Let's Lynch The Landlord" ("*vamos linchar o senhorio*"). Fazemos "Blood Stains" do Agent Orange, "Used To Love Him", dos Guns. Já fizemos um cover daquela banda japonesa Shonen Knife.

S Mas não ao vivo, essa foi gravada.

Vocês tocam mesmo Right Said Fred?

J Amamos Right Said Fred, mas isso foi só uma piada. As pessoas aqui levam muito a sério o que se diz.

O QUE VEM POR AÍ

Vocês pretendem trabalhar com Butch Vig no próximo disco?

J Não sabemos ainda. Estivemos investigando outros produtores também, então não sabemos nada.

Vocês fariam alguma coisa acústica ou baladas?

J Suzy e eu estivemos pensando em sentar um pouco, só como exercício para melhorarmos como músicas, e trabalhar em algo acústico. Eu acabei de comprar uma guitarra acústica e ela já tem uma

DISCOS

DISPONÍVEL EM: CASSETE · COMPACT DISC
AVALIAÇÃO: INDISPENSÁVEL · BOA PEDIDA · VALE CONHECER · NÃO FAZ FALTA · MANTENHA DISTÂNCIA

NAPALM DEATH
Utopia Banished
(Earache/Devil)

MORBID ANGEL
Blessed Are The Sick
(Earache/Back 2 Basics)

DEICIDE
Legion
(Roadracer/Devil)

Nos anos 80, metal era spandex, bandanas e demônios. Um clipe do Iron Maiden tinha que ter cenário medieval, monstrinhos e roupa efeminada. Nos 90, as vozes estão guturais, as letras escatológicas e as roupas negras e rasgadas insinuam macheza. De Venom a Deicide, do *black* ao *death*, o metal passou a levar a sério o que representa.

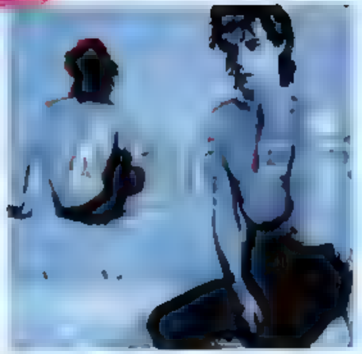
Se Ozzy Osbourne mordia morcegos de plástico, o pessoal do Morbid Angel bebe o próprio sangue e Glen Benton (líder do Deicide) traz uma cruz invertida marcada a ferro na testa. Tampa (Flórida) é a capital mundial do *death metal*. Lar de Obituary, Death, Deicide e Morbid Angel. Até o Sepultura já gravou com Scott Burns, o "Phil Spector da *death* Flórida", sombra presente no álbum *Legion*, do Deicide. Burns define a música como "alta no início, meio e fim. Pura brutalidade gutural". Yeah! A música é realmente um borrão sem identidade. São muitos grupos semelhantes trabalhando com os mesmos produtores, tentando, basicamente, soarem mais ferozes que o inspirador Slayer.

Morbid Angel, um dos pioneiros da cena, formou-se em 84. *Blessed Are The Sick* soa quase erudito ao ser comparado ao ataque animal de seus primeiros discos — o de estréia, *Abominations Of Desolation*, sai no Brasil em abril — mas a fórmula continua a ser a celebração do fim do mundo. Deicide deu um jeito de se destacar por levar ao extremo a mania de ser o emissário do diabo na Terra. Suas letras de adoração satânica conseguiram irritar terroristas, que lançaram uma bomba incendiária no local em que a banda se apresentou no fim de 92, na Suécia — terra dos também satânicos Entombed e Unleashed. Benton ainda foi ameaçado de morte por um grupo inglês chamado Milícia Animal, após se vangloriar de torturar animais em uma entrevista ao semanário inglês *NME*. O Deicide canta e prega o extermínio da humanidade. Ozzy era um escoteiro. Escatologia cabeluda e tatuada, como o cinema *gore*. Uma piada que só maluquinhos como Benton podem levar a sério.

Glen Benton, do Deicide

Death metal já não é mais a última palavra em agressividade. O Napalm Death, da mesma gravadora do Morbid Angel (Earache, ou "dor de ouvido") não perde tempo com papo de guaxumão e flertando com rock industrial, punk e *noise*, aponta uma saída criativa para o metal. A banda inventou um rótulo para definir sua música: *grindcore*. *Grind* é o equivalente britânico de *thrash*. *Core* vem de *hardcore*. Napalm Death é a pedreira mais pesada e rápida da Grã-Bretanha. Dez anos depois de sair da garagem, seu quarto álbum, *Utopia Banished*, continua arrasando. Um bate-estacas sônico com influências estranhas, como o ruído industrial dos Swans — claro que a mil milhas por hora —, o *noise* do My Bloody Valentine e o engajamento de Jello Biafra. Traz microfonia no lugar de solos e ataca monstros muito mais feios que o diabo: fascismo e racismo. Napalm Death é dez.

MARCEL PLASSE



MICK JAGGER
Wandering Spirit
(Warner)

Dizer que *Wandering Spirit* é o melhor disco solo de Mick Jagger é pouco. Até porque os dois discos anteriores só serviram como argumentos para quem diz que o rolling stone bacana é mesmo o Keith Richards. Em seu novo álbum, Mick Jagger parece ter finalmente desistido de ser moderninho e resolvido fazer o que realmente sabe: cantar rhythm'n'blues.

Esqueça as duas primeiras faixas do disco (principalmente a segunda, "Sweet Thing") e vá direto para a terceira, "Out Of Focus", que é onde este *Wandering Spirit* deveria começar. É quase um gospel em que Jagger se faz de pastor que, atônito, não vê mais a luz divina que no passado estava nos "fulgurantes crepúsculos": "It's all out of focus/ It's all, baby, so unclear". É engraçado que um sujeito que um dia cantou "Time Is On My Side" esteja tão perplexo com os novos tempos.

A perplexidade é a constante das letras de Mick Jagger já faz anos. Mesmo posando de eterno adolescente, que gosta de dance music e coisa e tal, Jagger sabe que é um senhor de idade (vai longe a época em que ele reclamava da falta de brigas de rua). Só que finalmente esta perplexidade de coroa está sendo produtiva. Em "Mother Of A Man", por exemplo, ele se assusta com a violência, mas não repete mais aquele lamentável discurso pacifista de "Highwire".

Enquanto na antiga "Sympathy For The Devil" ele se dizia o próprio demônio, que esteve presente rindo nos grandes massacres da história, em "Wandering Spirit" ele se diz apenas uma "alma perdida e solitária" que desde os tempos imemoriais tem zanzado por aí escalando as montanhas mais altas e tomando café com reis, para acabar sem um lugar de repouso. Também na deliciosa "Put Me In The Trash" ele se coloca como uma vítima dos tempos: um patético yuppie quebrado, que tenta arrancar dinheiro de uma antiga namorada.

Essa "humildade" não tem nada de frouxidão. Como sempre, Jagger continua jogando pesado: escolheu o produtor mais badalado do momento – Rick Rubin (Red Hot Chili Peppers) – e se cercou de convidados como os baixistas Flea e Doug Wimbish (Living Colour), o tecladista Billy Preston e o baterista Jim Keltner, que tocou em uma tentativa de disco solo, que Jagger fez em 72. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

SHINEHEAD
Sidewalk University
(Warner)

Demorou sete anos para que o Brasil tivesse direito a Shinehead (exceção para a faixa "Billie Jean", incluída na coletânea **Funk'N'Reggae**). Ele não é bem um artista de reggae e o negócio dele não é bem hip hop, ou funk.

Nessa malandragem, ele circula ileso nas trilhinhas daqui e dali e passa liso no corredor do rótulo. *Sidewalk University* é tão bom quanto seus discos anteriores (*Rough & Rugged*, *Unity* e *The Real Rock*). Tem alguns covers do balacobaco, como "Jamaican In New York" (Sting), "I Just Called To Say I Love You" (Stevie Wonder), "Let Them In" (Paul McCartney) e "Should I" (Dennis Brown). Atrás da sonzeira, aparecem alguns magos dos estúdios, como Bobby Digital, Norman Cook, Dave Hall e Cleve. *O.R.*

RED HOT CHILI PEPPERS
What Hits?
(EMI-Odeon)

Os caras curtem Jimi Hendrix, John Coltrane, Sly Stone e Salvador Dali. Disso dá para sair uma coisa estranha, uma mistureba freak. Uma compilação de uma banda mistureba, então, é uma mistureba maior ainda.

Como em qualquer angu, tem partes boas e outras intragáveis. Ouço jóias tipo "Brother's Cup", "Higher Ground" e "Fire" (a cover de Hendrix) e sinto o Red Hot Chili Peppers pesado, despretensioso e divertido.

Ponha na vitrola (lembra-se disso?) babas meio-cueca tipo "Under The Bridge" e hinos hippie-ecológicos ("Behind The Sun") e sinta nas veias um ímpeto: *Anthony Kiedis must die!*

Como, meu Deus? Como pode um só álbum reunir músicas tão legais e outras tão sonolentas? A resposta está na variedade. Essa banda passou de um jazz funk complicado para um funk-metal inovador e hoje chegou a uma mistura das melodias de Burt Bacharach com as letras do "Humberto Guedes" (um mix de Gessinger com Beto Guedes).

Este disco, *What Hits?*, nem era para existir. A antiga gravadora da banda, a EMI, só aceitou liberá-los para a Warner com uma condição: a de poder lançar esta compilação caça-níqueis.

Agora, se você está a fim de conhecer a fundo a "gracondeeee Chili Peppers", compre duas bolachas: *The Uplift Mofo Party Plan* (87) e *Mother's Milk* (89). Esses são tiro certo. Anthony ainda não havia incorporado o Fernando Gabeira e Flea era um alucinado. Baladas nem pensar. *A.B.*

WHITNEY HOUSTON, LISA STANSFIELD E OUTROS
The Bodyguard
(Arista/BMG-Ariola)

Parece de propósito. Agora que o pop/rock alternativo estoura, os independentes se destacam, L7 e The Shamen ficam famosos, sai o disco mais careta/esquemão possível. E rapidinho esmaga e varre qualquer esperança de "mudança geral de atitude" com suas vendagens: seis milhões nos EUA e primeiro lugar por três meses. O som? Tirando os fraquinhos S.O.U.L. S.Y.S.T.E.M. e Lisa Stansfield é um show brega comandado por dona Whitney. *C.R.*

FREDDIE MERCURY
The Freddie Mercury Album
(EMI-Odeon)

De Jim Morrison a Sid Vicious, a história do rock está cheia de artistas que tiveram sua carreira salva por uma morte providencial. Gente que dificilmente teria o prestígio que tem caso tivesse se mantido viva. Ainda assim o caso de Freddie Mercury é surpreendente. Tudo bem, até 78 o Queen foi muito divertido. Mas como pode alguém ainda ter saudade de Freddie Mercury depois de coisas infames como "Radio Ga Ga"? Se a memória anda fraca basta ouvir este Album, uma coletânea do material solo do cantor tanzaniano gravado nos anos 80. Tem desde "The Great Pretender", uma demolição do clássico hit dos Platters, até a intragável e pretensiosa "Barcelona". Parece-me incoerência que alguém goste disso e não adore Agnaldo Rayol. *R.C.*

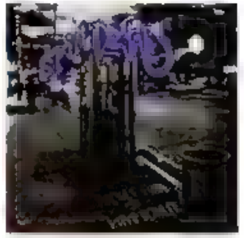
UGLY KID JOE
America's Least Wanted
(Mercury/PolyGram)

Isso é que é sonho de rock'n'roll: gastar dez mil doletas para produzir um EP de estréia e terminar com a) um disco de platina e b) um contratão com uma major.

O Ugly Kid Joe até que merece. Metem muito o pau neles só porque não fazem cara de mau e nem são especialmente originais. Bem, fodam-se. Metal mal-humorado é para gente de cidade industrial, o UKJ é de balneário (Santa Bárbara, uma hora ao norte de Los Angeles). E rock original é para crítico, não para tocar no rádio. *America's Least Wanted*, o primeiro álbum dos caras é hard rock suingado-ensolarado, com um pé no califórnia rock dos anos 70 (aquela praia dos Eagles e do Fleetwood Mac) e outro no dos Red Hot Chili Peppers. Ouça gritando. *A.F.*

ERASURE
Pop! The First Twenty Hits
(Mute/Warner)

Pelo ponto de exclamação depois da palavra pop, dá para ver que até Andy Bell e Vince Clarke estão surpresos com o número de hits acumulados em sete anos de carreira. A invasão indiscreta das paradas pelo duo começou com "Who Needs Love Like That", aqui em versões de 85 e de 92. Entre uma e outra, o ouvinte pode se deleitar com o talento de Clarke e os exageros Hi-NRG de Bell. Tem desde "Sometimes", o primeiro grande sucesso, até a cover de "Take A Chance On Me" do Abba. *A.G.L.*



SPIN DOCTORS
Pocket Full Of Kryptonite
(Epic/Sony)

Enquanto toda uma geração dos dois lados do Atlântico suga os restinhos de sangue do filé mignon do ancião rock setentista, este grupo baseado em Nova York crava os dentes exatamente no osso duro da década retrasada. As "viagens" *light* de guitarristas como Joe Walsh, Elvin Bishop e Peter Frampton, temperadas à base de Allman Brothers, Outlaws e psicodelia (via Grateful Dead), se misturam a improvisos jazzy que lembram o álbum *Bring On The Night*, de Sting, além de algumas levadas já traduzidas para os anos 90 pelo Living Colour.

Com essa misturança toda, os caras conseguiram – inacreditavelmente – chegar ao topo da parada da *Billboard*. A canção "Little Miss Can't Be Wrong" está a algumas semanas entre as trinta mais.

A verdade é que o som dos caras, apesar do parentesco com Sting, não tem nada de bundão. É rock solto, do tipo que não dá vez para miguelagens instrumentais. Ao contrário, valoriza as execuções, lavando os ouvidos da galera, entupidos de tanta enganação retrô disfarçada em empilhamentos de guitarras ou em crueza grunge.

Some-se a isso letras drogadas mas nada mal-humoradas, em músicas que transitam em torno dos cinco minutos – muito maiores do que as habituais freqüentadoras das paradas – e descubra porque este *Pocket Full Of Kryptonite* vendeu um milhão exemplares nos EUA. O resultado é outra faceta do "sucesso", um novo caminho para os revivalismos de FM. *C.E.M.*

CAETANO VELOSO
Circuladô Vivo
(Philips/PolyGram)

Registro de um show de Caetano Veloso acontecido em 92, em que o cantor interpreta canções de Tom Jobim, Michael Jackson ("Black Or White"), Carlos Gardel, Bob Dylan, Ary Barroso, além de composições próprias. Caetano Veloso é baiano, amigo de Gilberto Gil, teve participação destacada no Tropicalismo e é autor de "Alegria Alegria". *R.C.*

NIRVANA
Incesticide
(Sub Pop/BMG-Ariola)

Quem se iniciou no culto à camisa de flanela com o meio capenga *Nevermind* e não conhece *Bleach*, vai achar uma droga este *Incesticide*, coletânea dos primeiros trabalhos do Nirvana: é que o disco não contém nenhuma baladinha manjada para a MTV.

Incesticide traz os momentos de maior inspiração do grupo, com registros do começo de sua carreira, na época em que idolatravam os Melvins, a banda primogênita do tal "som de Seattle" com seus riffs instigantes, lentos, paquidermemente pesados e enegrecidos por uma influência do Black Sabbath que Kurt e seus amigos absorveram muito bem. Os ensinamentos dos Melvins foram responsáveis pelos melhores momentos desse álbum de figurinhas raras, onde você pode ver as mãos miraculosas do produtor Jack Endino em ação, o mesmo que os Titãs estão contratando para pegar a rebarba da moda, com pelo menos cinco anos de atraso.

Ao contrário dos nossos esforçados brasucas, o Nirvana não precisou que Jack Endino desse uma de rei Midas, transformando merda em ouro. O ouro já estava lá, como em "Mexican Seafood" (originalmente lançada num split single), "Sliver" uma canção alegrinha-nervosa e "Downer", que na versão original – presente no disco *Bleach* teve as baquetas a cargo de Dale Crover, o baterista dos Melvins.

A sessão de covers e tributos conta com a dupla homenagem aos anos 70 em "Aero Zeppelin", aos anos 80 na versão de "Turnaround" do Devo, e duas do grupo The Vaselines ("Molly's Lips" e "Son Of A Gun"), antiga banda do escocês Eugene Kelly, hoje líder do Eugenius (ex-Captain America).

Incesticide também é uma boa oportunidade de passar a limpo todas as formações do Nirvana, desde a época em que eram um quarteto até a substituição de Chad Cummings, o baterista que foi despedido por ouvir Black Flag enquanto o resto da banda queria escutar "Love Hurts", com o Nazareth.

Arquive esse exemplar de raro profissionalismo despretensioso em sua discoteca e dê uma banana para "a nova moda grunge", para o Matt Dillon e para as mãozinhas estúpidas e isqueirinhos acesos nas músicas mais lentas durante a passagem do grupo pelo Brasil, no início deste ano.

Seja esperto e não ligue para a massificação equivocada promovida pela imprensa. *RENATO YADA*

DORSAL ATLÂNTICA
Musical Guide From The Stellium
(Heavy)

O trio carioca comemora dez anos de independência e fidelidade aos ideais com um disco de ponta. Até chegar aqui, foi uma longa estrada. O primeiro passo foi igual ao do Sepultura, mais ou menos contemporâneo: um álbum rachado ao meio com outra banda, *Ultimatum*, de 85 que repercutiu muito bem em revistas gringas. O som, bastante influenciado pela Motorhead, ganhou ainda mais peso e velocidade com *Antes Do Fim* (86). Resultado: um crossover do então emergente thrash com hardcore, melhorado em *Dividir E Conquistar* (88) e *Searching For The Light*(90), uma espécie de ópera thrash.

Musical Guide From The Stellium é, disparado, o melhor disco do trio. Tem mais e melhores riffs. Solos virtuosos. Vocais mais pessoais e inteligíveis. Letras mais maduras. Produção decente. A única coisa que diminuiu foi a velocidade – freada mais visível na épica "Thy Will Be Done" (faixa-bônus do CD), sobre as profecias de Nostradamus, com trechos cantados em alemão, espanhol, francês e inglês.

Desta vez, o próprio rock é o alvo visado pela metralhadora verbal de Carlos Lopes, a cabeça do Dorsal! Ele se vira contra o consumismo da indústria musical e quejandos em "Rock Is Dead" e os estereótipos do gênero em "Prison Cell Stage", a outra faixa extra do CD. E ainda, em "My Generation", condena o célebre mote de Pete Townshend ("espero morrer antes de ficar velho") tanto quanto a apatia da juventude. J.R.L.

BIG DADDY
Sgt. Pepper's
(Rhino/Warner)

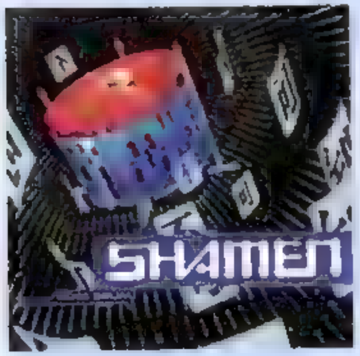
Imagine se o chamado "álbum mais importante de todos os tempos" tivesse sido lançado com uma década de antecedência. Pois esta foi a premissa que moveu este combo de vocalistas/músicos sediados na Califórnia a regravar de cabo a rabo o clássico disco dos Beatles, não poupando da paródia nem mesmo a capa.

Nada escapa da obsessão cinquentista do Big Daddy: a faixa-título já começa com a levada roubada de "Poison Ivy" (a "erva venenosa", lembra?), "With A Little Help From My Friends" parece pinçada do repertório de Frankie Avalon e "Lucy In The Sky With Diamonds" recebe uma releitura assassina nos moldes de Jerry Lee Lewis.

Mas as "referências" não param por aí. "Getting Better" e "When I'm Sixty-Four" são recriadas no embalo do doo wop, "Fixing A Hole" aparece com um arremedo do refrão de "The Wanderer" (hit de Dion And The Belmonts), enquanto "Within You Without You" surge em clima beatnik, com um sax bêbado no lugar da cítara da gravação original.

O melhor, contudo, está reservado para o final. A versão para "A Day In The Life" é interpretada no melhor estilo Buddy Holly, com citações de suas canções ("Peggy Sue", "Oh Boy!", "Everyday") e até dos famosos hiccups vocais de Holly. Uma justa homenagem ao ídolo de Paul McCartney que deve ter agradado até mesmo ao ex-Beatle.

Mesmo sem se conhecer todas as "referências" do Big Daddy, a audição de *Sgt. Pepper's* é um ótimo passatempo. Mais divertido que Dread Zeppelin. C.P.



THE SHAMEN
Boss Drum
(One Little Indian/Natasha)

Se o contraste não fosse tão grande, talvez nem valesse a pena citar Seattle. Mas é difícil resistir à tentação de dizer que, enquanto os mais modernos acham que o som do momento vem dessa cidade americana, em Londres, uma pequena subversão a tudo isso está acontecendo. E ela responde pelo nome de The Shamen.

Enquanto o próprio Kurt Cobain tenta explicar que o Nirvana é só mais uma banda "new wave", boa parte da crítica e uma enorme parte do público insistem no grunge como o futuro do rock. Para esses que ainda têm essa visão, vai aqui uma recomendação: ouçam o álbum *Boss Drum*.

Daqui a pouco, quem sabe, a onda moderna volta a soprar para a Grã-Bretanha e quem não quiser ficar muito atrasado é bom já ir se enturmando com faixas como "L.S.I. (Love Sex Inteligence)" e "Ebeneezer Goode".

Com o rock alternativo literalmente moribundo em território britânico (se você descontar a cópia "quase boa" do Queen, que o Suede faz), quem faz uma boa música hoje lá ou está entrando cada vez mais no *acid jazz* (e faz parte do timão da gravadora Talking Loud) ou então investe no "altamente dançável". Depois de tantos "summers of love" e tantas derivações de "acid house", a segunda opção acabou sendo a mais bem aceita pelas paradas – enquanto o *acid jazz* ainda tem certo ar esnobe.

Faturando em cima disso, The Shamen foi o mais esperto de todos os grupos. Com uma história meio misteriosa, um clima meio místico (olha só o nome...), letras meio proféticas e uma pretensão enorme, eles conseguiram mais respeito que o Jesus Jones – e um pouco mais de sucesso comercial que The Orb. A imprensa, na falta de assunto melhor, resolveu "endeusar" a banda. Pronto. *Boss Drum* virou o álbum mais necessário da temporada.

Ouça. The Shamen conseguiu juntar as melhores batidas do estação com refrões extremamente fáceis – e o apelo na pista é inegável –, especialmente se alguém resolve colocar, por exemplo, "Phorever People", depois de uma seleção "tecno-anônima".

A questão do "som do futuro" também está presente no álbum. Mas essa nem todo mundo vai entender. Se você conseguir dançar ao som de *Boss Drum*, já está muito bom. ZECA CAMARGO

SKID ROW
B-Side Ourselves
(Warner)

Nunca tinha tido o desgosto de ouvir um disco desses caras. Agora pinta a missão de ouvir este álbum só de covers velhuscos. Bom, eles conseguiram estragar indistintamente boas canções (como "C'Mon And Love Me" do Kiss e "Psycho Therapy" dos Ramones), bobagens ("Delivering The Goods" do Judas Priest e "What You're Doing" do Rush) e até um clássico absoluto, "Little Wing", de Hendrix. Só por essa última, Barbie e seus amiguinhos vão apodrecer no inferno. Este disco é frouxo, burro e chato. Lixo. Minhas lindinhas apaixonadas pelo Sebastian, aprendam com o tiro: solar rápido não é criar música, zurrar como uma cabrita histérica não é emoção e falar *fucking* não é rebeldia. Beijinhos. A.F.

AC/DC
Live
(Atlantic/Warner)

Este poderia ser um grande disco. Afinal, o último ao vivo do grupo saiu há quinze anos – *If You Wanna Blood... You've Got It* – e é uma aula de rock'n'roll. Mas este *Live* decepciona. E quem diz isso é um fã de carteirinha. Falta *punch*, falta público. Em quase todas as faixas se percebe maquiadas de estúdio. Basta checar "Heatseeker", mais redondinha que a versão original. Só o repertório salva o disco do desastre total: "Hell's Bells", "Back In Black", "Whole Lotta Rosie" e "The Jack" são boas até com o Dr. Sin. T.M.

VIPER
Evolution
(Eldorado)

Heavy metal combina perfeitamente com o Brasil. Por aqui não faltam razões para se sentir puto e alienado, dois combustíveis fundamentais para torturar guitarras ou espancar baterias. Só que por alguma razão, 90% dos grupos brasileiros de metal não passam de cover bands disfarçados.

Para mim o Viper fazia parte desta maioria esmagadora. *Theatre Of Fate*, o penúltimo disco deles – aquele que fez da banda "os brasileiros que fazem mais sucesso no Japão do que muito medalhão gringo" – encheu o saco pela insistência em que batiam nos maneirismos de *classic heavy metal*.

Era um tal de vocal agudo e guitarra cruzada de botar nego para dormir na hora.

Pode ser a influência benfazeja do produtor Charlie Bauerfeind, a gravação na Alemanha ou a transferência do baixista Pit Passarell para os vocais. Pode ser a experiência. Pode ser vontade de dar certo. O fato é que *Evolution* enterrou essa imagem embolorada do Viper.

O grupo ainda é, no fundo, herdeiro da *New Wave Of British Heavy Metal*. A moçada ouviu Iron Maiden com atenção. Mas agora também valoriza qualidades que fizeram a popularidade do hard rock 70: refrões assobiáveis, vocais em coro, riffs simples e fortes.

Vide a supremamente assobiável "Rebel Maniac", que todo mundo já viu no clip legal. E, ao mesmo tempo, eles embarcaram no trem certo, o das baladonas sinfônicas, acertando com "The Spreading Soul". Se marcar vai ter menininha ouvindo no FM e achando que é algum grupo americano.

Só pisaram com a capa feia e com a cover de "We Will Rock You" do Queen. Hino de hooligan bêbado, lento e pesado, não pode virar rock'n'roll rapidinho. E pensando bem, devia ser proibido por decreto-lei fazer cover de superclássicos desse tipo. Ninguém nunca chega nem perto do original.

Mas são minúcias e não se deve desprezar a banda dos Passarell, não por ser menos ideológica e mais festeira que colegas como o Sepultura e os Ratos De Porão. Rock'n'roll é antes de tudo festa. E se temos uma banda a fim de ganhar grana e garotas, palmas para eles. Para mim ficou claro, com *Evolution*, o Viper emplacou o *top five* do metal nacional. ANDRÉ FORASTIERI

STEVIE RAY VAUGHAN AND DOUBLE TROUBLE
In The Beginning
(Epic/Sony)

OK, em matéria de guitarrista branco de blues rock, confesso que sou mais Johnny Winter ou Billy Gibbons do que Stevie Ray. Mas este registro dos primórdios de sua carreira – capturado ao vivo em um programa de uma rádio texano, no primeiro de abril de 80 – mostra toda a classe com que ele empunhava a velha Fender Stratocaster. Assessorado pelo Double Trouble (o baixista Jack e Newhouse e o baterista Chris Layton), Vaughan imprime versões adrenalínicas para clássicos de Howlin' Wolf ("Tell Me"), Willie Dixon ("Shake For Me") e suas próprias composições ("Love Struck Baby", "Slide Thing"). C.P.

CHARLES & EDDIE
Duophonic
(Capitol/EMI-Odeon)

O primeiro disco da dupla traz o hit "Would I Lie To You" e mergulha fundo na sonoridade *soft* da soul dos primeiros anos da década de 70 (tipo Marvin Gaye, Al Green e The Ohio Players). É aí que a porca torce o rabo. Apesar do bom gosto dos arranjos, dos vocais impecáveis de Charles Pettigrew e Eddie Chacon, do balanço dos teclados de Amp Fidler (Parliament/Funkadelic), a impressão que fica é a de que já se ouviu isso antes. Acabam soando como um Lenny Kravitz do soul. C.C.

PANIC
Best Before End
(Cogumelo)

Este grupo gaúcho vai muito além da porradeira tradicional. Resgatando o bom thrash abandonado nesses tempos de *grindcore*, o Panic condensa o que há de melhor do Slayer, misturado à força do *death metal* e a uma boa dose de criatividade. O resultado é surpreendente. Sem radicalismos, nesse disco há lugar para tudo: de bases que remetem a Iron Maiden unidas com bons vocais e solos de guitarra até momentos em que o destaque são os acordes dissonantes e batidas estilo Voivod. R.H.

FREDDIE JACKSON
Time For Love
(Capitol/EMI-Odeon)

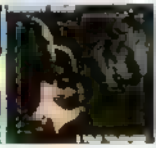
O príncipe do *quiet storm* mantém (graças a Deus!) a fórmula que o consagrou em meados dos anos 80: baladas soul de produção sofisticada e discreta. Freddie dá um show de bola em várias faixas (que apesar de uma certa linearidade melódica, são o "gramado" perfeito para suas habilidades vocais). Os destaques vão para as dançantes "Come With Me Tonight", "Can I Touch You" e a atualização charmosa de "Me And Mrs. Jones", clássico de 72 na voz de Billy Paul. Bom de ouvir e ótimo para namorar. C.C.

DISCO DO MÊS **NEIL YOUNG Harvest Moon** (Reprise/Warner)

Ainda que seus ótimos três trabalhos anteriores (*Freedom*, *Ragged Glory* e *Weld*) não tenham sido editados por aqui, o cantor e guitarrista canadense conseguiu aqui o primeiro posto tranquilo com seu novo disco que revisita os sons que semeou há vinte anos com o álbum *Harvest*. Nem só de grunge vive o homem

NENEH CHERRY
Homebrew

SKANK



ROBERT CRAY
I Was Warned

VIRNA LISI
Espere O Quê?

HERBERT VIANNA
É Batumare

	Neil Young	Neneh Cherry	Skank	Robert Cray	Virna Lisi	Herbert Vianna
ANDRÉ FORASTIERI BIZZ	8	8	7	-	5	5
CAMILO ROCHA	-	8	7	0	4	0
CARLOS EDUARDO MIRANDA	10	9	9	6	7	2
CELSO FIORAVANTE Folha de S. Paulo	9	8	7	-	7	8
CLAUDIO CAMPOS BIZZ	7	9	9	7	4	7
ÉRA ACCORY	10	9	7	6	7	6
FÁBIO MASSARI	9	6	-	6	8	5
JEAN YVES DE NEUFVILLE	10	7	7	9	-	9
MARCEL PLASSE O Estado de S. Paulo	7	7	-	-	-	6
ROBERTO MAIA	9	8	8	9	8	8
ROGERIO DE CAMPOS BIZZ	10	8	8	9	7	8
ZECA CAMARGO	7	10	8	8	-	7

CLASSIFICAÇÃO GERAL

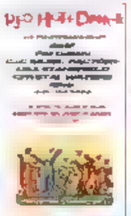
ARTISTA/DISCO	MEDIA	ARTISTA/DISCO	MEDIA
[illegible] *Harvest Moon* (Reprise/Warner)	8,73	7 ALICE IN CHAINS *Dirt* (Columbia/Sony)	[illegible]
2 NENEH CHERRY *Homebrew* (Circa/EMI Odeon)	8,00	INOCENTES *Embarque* (Camerati)	5,50
3 SKANK (Rockacch)	7,70	9 SHABBA RANKS *X Tra Naked* (Epic/Sony)	[illegible]
4 ROBERT CRAY *I Was Warned* (Mercury/PolyGram)	6,67	[illegible] *Música P/ Acompanamiento* (EMI Odeon)	4,00
5 VIRNA LISI *Espere O Quê?* (Eldorado)	6,33	11 THE FARM *Love See No Colour* (End Product/Sony)	3,16
6 HERBERT VIANNA *É Batumare* (EMI Odeon)	5,92	12 OFF THE WALL (Reisey)	2,75

VÍDEOS

JERRY LEE LEWIS
The Story Of Rock'N'Roll
Direção: D.A. Pennebaker e Chris Hegedus, 1969.
(hi-fi, BMG-Ariola)

O título *The Story Of Rock N'Roll* pode parecer pretensioso, mas reflete a pura e cristalina verdade. Jerry Lee Lewis é o mais bacana, o mais legal e este filme mostra uma apresentação dele no festival *The Rock N' Roll Revival Concert* (que aconteceu em Toronto em 69) entremeado com cenas antigas do tempo em que ele ainda era um rapaz de futuro para a gravadora Sun.

Tem uma entrevista que ele deu na época do escândalo causado pelo seu casamento com a prima de treze anos. Enquanto ele fala, a prima – Myra Lewis – ao lado, masca chiclete. Enfim, este é o filme que fará felizes aqueles que torceram o nariz para *A Fera Do Rock*. O diretor Donn Alan Pennebaker, é o mesmo que fez *Monterey Pop*, *Ziggy Stardust And The Spiders From Mars* e outros. ROGERIO DE CAMPOS



C+C MUSIC FACTORY, YOUNG DISCIPLES, GEORGE MICHAEL E OUTROS
Red Hot + Dance
Direção: vários, 1991 (100 min., hi-fi estéreo, Sony)

Apresentações ao vivo de vários artistas, alguns presentes no disco RH+D, entrecortadas com informações, vinhetas e depoimentos sobre a Aids. Os shows (cada um em uma cidade diferente no Dia Mundial da Aids, em 91) têm seus bons momentos. C+C, Young Disciples, Dream Warriors e Beats International trazem dance ao vivo com competência e garra. Um brinde interessante é o making of de "Too Funky" de George Michael. Vale uma conferida. C.R.

ROXETTE
Look Sharp Live
Direção: Doug Freel/Pete Heath, 1989 (45 min., hi-fi estéreo, EMI)

Seis dos nove clips contidos aqui foram filmados em apresentações do duo nas ruínas do castelo de Borgholm, na Suécia. Só que o "live" do título é totalmente perdido numa edição que tende para o padrão e o quadradão. Até a montagem do palco em câmera super-veloz parece dorada. Os três restantes são de "Dressed For Success" e duas versões de "The Look", mas só a última traz novidade com uma abertura techno trance (o quarto pode ser). Uma fita estritamente para fanáticos pelo sueco escandinavo. J.E.S.

SIMPLY RED
Moving Picture Book
Direção: Vários, 1991 (45 min., hi-fi, estéreo, Warner)

Isto é incrível: uma banda pop dos anos 80 que não usa efeitos especiais em seus vídeos. De 85, com "Money's Too Tight To Mention", até 89 com "If You Don't Know Me By Now", é tudo muito simples: a banda tocando em bares, gente jogando bilhar, namorados brigando e voltando, cenas da vida cotidiana do interior inglês. Nada de edições rápidas, truques mirabolantes, animação de ponta ou vermes saindo da terra. Pode parecer sem graça, mas o Simply Red geralmente se garante na parte musical. Então, tudo bem. C.R.

OUTROS LANÇAMENTOS

A Warner está lançando um grande pacote de vídeos, mas não dá para falar que é para todos os gostos: tem dois vídeos meio antigos da **MADONNA**, a coletânea de clips ***The Immaculate Collection*** (1990, 60 min.) e ***Madonna Live*** (1985, 50 min.) • Dois de **ERIC CLAPTON**: ***24 Nights*** (1991, 90 min.) e ***Unplugged*** (1992, 70 min.): o primeiro gravado no Royal Albert Hall e o outro com o registro do acústico do MTV • **SEAL** (1991, 40 min.) com o próprio, ao vivo em um estúdio • **ELTON JOHN** com ***Live In Barcelona*** (1992, 120 min.) para quem ainda não se conformou com o cancelamento de seu show no Brasil • **PHIL COLLINS** e **PAUL SIMON** também ao vivo, respectivamente em ***Seriously Live In Berlin*** (1990, 165 min.) e ***The Concert In The Central Park*** (1991, 120 min.) • E **NATALIE COLE** ao vivo, é claro, em ***The Unforgettable Concert*** (1992, 90 min.). R.C.

VIAGEM PELA HISTÓRIA DO SOUL

FÁBRICA DE SUCESSOS

Caixa reúne o melhor da Motown

A preguiça é a mãe da ciência, reza o clichê. Se você tiver um CD carrossel com controle remoto e a preciosa caixa **Hitsville USA/ The Motown Singles Collection:1959-1971**, pode ouvir toda a história da lendária gravadora de Detroit sem sair da sua poltrona.

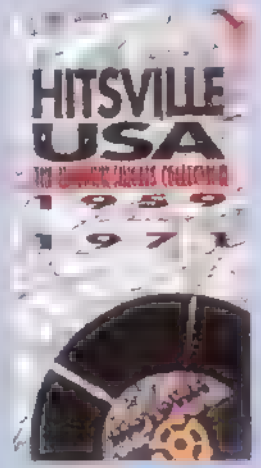
Aqui tem quase todos os singles da Motown nos doze anos mais importantes de sua existência. Canções manjadas como "My Girl" (**THE TEMPTATIONS**), "I Want You Back" (**THE JACKSON 5**) e "I Heard It Through The Grapevine" (**MARVIN GAYE**), favoritas da turma das covers como "Dancing In The Streets" (**MARTHA AND THE VANDELLAS**) e "Signed, Sealed, Delivered, I'm Yours" (**STEVIE WONDER**), clássicos do caramba menos conhecidos, tipo "Tracks of My Tears" (**SMOKEY ROBINSON AND THE MIRACLES**) e "I Can't Help Myself" (**THE FOUR TOPS**), além de gemas semi-obscuras como "Needle In The Haystack" (**THE VELVELETTES**) e "Heaven Must Have Sent You" (**THE ELGINS**). Afinal são 104 faixas de 38 artistas em quatro CDs. Mais um livreto de 64 páginas com fotos e fotos. Oba!

Todo mundo que escreve sobre Motown adota sempre o tom reverencial, influência fundamental, blablabla etc. O que não deixa de ser verdade, a gravadora era mesmo o máximo. Mas como nada é intocável valem duas observações "iconoclastas".

A primeira é que o som da Motown deixou de ter influência direta no pop de hoje. Claro, eles inovaram e mostraram o caminho para várias gerações: Beatles, Stones, soul dos anos 70 (Al Green, *Philadelphia sound*), disco, new wave, pop dos 80 etc. Mas de 86 para cá, tudo mudou. Subiram hip hop, thrash, funk metal, house, guitar rock; degringolou o pop simples com refrão e melodia que a gravadora representava e ajudou a criar.

Segunda coisa: com toda sua genialidade e tal, o povo da Motown era chegado numa fórmula. Tudo bem, não dava para manter aquela produtividade e lançar coisas do outro mundo sempre. Mas repare que "It's The Same Old Song", dos Four Tops, é só um ensaio de "Reach Out (I'll Be There)", seu grande hit. E quantas melodias, linhas de baixo e/ou arranjos das Supremes ou dos Temptations são semelhantes nos seus hits.

De qualquer forma, o senso comum dá a palavra final: tenha isto em casa e você terá muitos motivos para viver feliz. *CAMILO ROCHA*



Smokey Robinson And The Miracles, The Temptations (acima), The Supremes (ao lado) e a dupla Stevie Wonder/ Marvin Gaye (abaixo): a nata da Motown

SALVE A RAINHA

ARETHA FRANKLIN na sua melhor forma em pacote de luxo

Ao adquirir os direitos sobre o catálogo da Atlantic em 92, a Rhino já prometia – e cumpriu – a reedição do farto arquivo daquela gravadora, parte fundamental da história da *soul music*.

Agora, as fuçadas naquele valioso material trazem o lançamento da caixa **Queen Of Soul**, de **ARETHA FRANKLIN**.

São quatro CDs da caixa abrangendo as gravações que fez pela Atlantic desde seu primeiro hit na companhia em 67 ("I Never Loved A Man") até uma das últimas faixas de relevo que registrou naquela casa, em 76 ("Something He Can Feel").

Aretha ainda ficaria na Atlantic até 79, porém sem repetir as maravilhas de sua fase dourada – "Respect", "Chain Of Fools", "Think", "I Say A Little Prayer" e tantas outras, muito bem representadas neste pacote. Ahás, a própria seleção dá ênfase nesse período, trazendo nada menos que 32 faixas de seus primeiros quatro clássicos albuns lançados pela gravadora: *I Never Loved A Man The Way I Love You*, *Aretha Arrives* (ambos de 67), *Lady Soul* e *Aretha Now* (os dois de 68).

No livreto de oitenta páginas anexo, fotos raras e inéditas, a ficha completa das gravações, notas sobre as canções e farto material histórico. *CELSO PUCCI*

O LEGADO DE OTIS

Ressurgem álbuns e compilações do cantor

Alegria para os fãs do soul e – especialmente – de **OTIS REDDING**. A efêmera, mas gloriosa carreira do maior expoente da gravadora Stax/Volt durante os anos 60 não é apenas retratada na *Discoteca Básica* desta edição, com o disco póstumo *The Dock Of The Bay* (68). Ela torna a surgir numa série de relançamentos em CD pela Rhino, que incluem albuns como o clássico **Otis Blue** (65), **Dictionary Of Soul** e **The Soul Album** (ambos de 66), **King & Queen** (com **CARLA THOMAS**, de 67), o ao vivo **Otis Redding In Person At The Whiskey-A-Go-Go** (68), **Love Man** (69) e **Tell The Truth** (70), além de duas boas compilações: **The Dock Of The Bay (The Definitive Collection)** e **The Otis Redding Story** (de 87 e 88, respectivamente). A primeira traz um apanhado de duas dezenas dos grandes hits de Otis, enquanto a outra – bem mais extensa – reúne sessenta faixas em três CDs, incluindo também material raro e inédito. *CP*

D

O EVANGELHO PUNK SEGUNDO the stranglers

OK, eles voltaram meio tropeçando depois que recrutaram dois garotos – um cantor e um guitarrista – para a vaga aberta com a saída de Hugh Cornwell. Mas é inegável a importância musical do quarteto de Surrey chamado **THE STRANGLERS**, precursor da cena punk inglesa no ataque musical e na atitude, ainda nos idos de 75!

Agora, o período áureo da produção de Cornwell, com o tecladista Dave Greenfield, o baixista Jean-Jacques Burnel e o baterista Jet Black e dissecado na caixa **The Old Testament (The U.A. Studio Recordings: 1977-1982)**, editada pela EMI.

São quatro CDs, apresentando em 83 faixas os seis álbuns de estúdio feitos pelo grupo na gravadora United Artists – *The Stranglers IV Rattus Norvegicus*, *No More Heroes* (ambos de 77), *Black And White* (78), *The Raven* (79), *(The Gospel According To) The Meninblack* (81) e *La Folie* (82) –, mais todos os singles e registros raros (inclusive em outras línguas).

Luxuosamente embalados numa caixa em formato de livro antigo, os CDs vêm acompanhados de um livreto de 112 páginas com a discografia, fotos inéditas e a biografia *The Men They Love To Hate*, escrita por Chris Twomey. Na Inglaterra, o pacotaço pode ser complementado com o vídeo homônimo, que compila 27 clips da banda, realizados no mesmo período. *CELSO PUCCI*

A IRA DOS DEUSES

O rock industrial dos Young Gods disponível no Brasil

Enquanto formaçõezinhas pseudo-agressivas acrescentam guitarras esporrentas às rápidas – porém preguiçosas – baterias eletrônicas, os suíços dos **YOUNG GODS** inverteram a equação, com resultados aterradores. Seus samplers vomitam uma barragem de cordas elétricas ou orquestrais, campo de batalha no qual prega o fatalista Franz Treichler. Pois o catálogo inteiro do grupo está disponível em CD no Brasil, pelo reembolso. Trata-se dos álbuns **The Young Gods** (87), **L'Eau Rouge** (89) e **T.V. Sky** (91), os dois primeiros cantados em francês. Tem também o tributo **The Young Gods Play Kurt Weil** (91), só com músicas do compositor alemão, parceiro de Bertold Brecht. E três EPs: **Longue Route** (remix da faixa do segundo álbum, mais uma inédita e duas ao vivo), **Skinflower** e **Gasoline Man**. Quem distribui é a ReR Brasil, Caixa Postal 108435, CEP 24401-970, fax/fone (021) 712-3714, São Gonçalo, Rio de Janeiro.

ALEX ANTUNES

Em seu novo disco, o compositor canadense LEONARD COHEN pinta o futuro com tintas pessimistas

Ele é um dos últimos representantes dos *beatniks* em ação. Nascido no Canadá e ex-freqüentador do *underground* nova-iorquino, **LEONARD COHEN** vem transmitindo desde os anos 50 o sentimento de inquietação, de insatisfação e de romantismo da sua geração. Como poeta, escritor e a partir de 67, músico.

Seu álbum mais recente **The Future** (Columbia) – segue de perto estas tradições. São baladas longas sem pressa (as canções variam de seis a oito minutos cada), com um tom melancólico e pessimista. Na primeira música, ele já avisa: "Irmão, eu vi o futuro e ele é trágico". Numa entrevista recente, o compositor explicou: "Meus amigos estavam comemorando a queda do Muro de Berlim. Eu era o único que estava apreensivo, porque logo vi que isso ia trazer muito sofrimento e desagregação social". Outras faixas, como "Democracy", são críticas igualmente ferozes às injustiças sociais no Ocidente.

Tudo isso justifica o título a ele dado pela crítica americana de "Lord Byron do rock'n'roll". Mas apesar disso, Cohen parece acreditar na vida e no amor. "Always", uma das melhores faixas do disco, começa assim: "Meus amigos, não importa se vocês são homens ou mulheres, se vocês amam alguém, estas são as palavras que vocês precisam aprender a dizer". E prossegue, num ritmo de cubaru, "Os tempos podem ser difíceis, mas por isso mesmo eu ficarei sempre ao seu lado".

Não é à toa que, estando hoje com 58 anos de idade, Leonard Cohen continue reverenciado por suas canções. *RICARDO LOBO*

FAIXA A FAIXA

1. "The Future" Dançante. Levemente funkeada, coloca o futuro no presente e mostra, com a ironia de "um pequeno judeu que escreve sua Bíblia", o horror e a confusão do mundo. Uma obra-prima.

2. "Waiting For The Miracle" Aqui o tom é suavizado, mas não menos pessimista. Espera-se pelo milagre e ele – claro – não surge.

3. "Be For Real" Para dançar de rosto colado. A letra, em contraste com as demais, é simples. Composta por um tal Frederick Knight.

4. "Closing Time" Uma espécie de polca, em clima de animação etílica. Num bar, as *strippers* falam de amor e os bêbados brindam à "terrível verdade".

5. "Anthem" Pessimista e pragmática. O refrão diz "Esqueça a perfeição, há rachaduras por toda parte". Coproduzida pela atriz Rebecca De Mornay, a quem o disco é dedicado.

6. "Democracy" Praticamente uma antítese da faixa-título. Chega a parecer uma marchinha de boas-vindas a Bill Clinton – e talvez seja mesmo... ou muito mais que isso.

7. "Light As The Breeze" Algo entre um blues e uma valsa. Lenta, com a voz grave e sussurrante, num devaneio amoroso.

8. "Always" Deliciosa versão rhythm'n'blues do clássico de Irving Berlin, embalada por *rod needle*, um drinque inventado pelo próprio Cohen. Os músicos se divertem e nós também.

9. "Tacoma Trailer" Faixa instrumental, belíssima e evocativa. Fim.

DANIEL BENEVIDES

D

A VEZ DOS ÁLBUNS TECNO

Teste de o nome de cinco boas musicas de tecno. Facil, ate cinquenta. Agora cinco albuns. Coça coça pensa... e 808 State, Inner City, Altern 8 talvez... Dificil. O estilo nunca foi de albuns. Estes dois discos com certeza não significam nenhuma reversão da tendência, mas por suas qualidades rendem bons argumentos em favor do album de tecno.

O **BIZARRE INC.** inaugurou o uso de trechos com pianos e contorcionismos de vocalistas anônimas (importados da italo-house). A combinação porrada robotizada mais barulhos, riffs e timbres criativos (às vezes com uma pitada minima de melodia) se espalha maravilhosamente pelo novo disco **Energique** (Vinyl Solution) em musicas como "Playing With Knives" e "Raise".

Um peixe fora d'agua aqui é o sucesso mais recente (e o maior) "I'm Gonna Get You". Fas do hardcore vão menosprezar essa faixa, descaradamente pop house, mas que ela faz estrago na pista, faz.

O que mais chama a atenção no album de estreia dos **UTAH SAINTS** (lançado pelo selo ffrr) é o inusitado e original uso de samples. Só para ficar nos sucessos: "What Can You Do For Me" faz um *loop* da Annie Lennox de "There Must Be An Angel", enquanto "Something Good", empresta "Cloudbusting" de Kate Bush. Em "I Want You" e "My Mind Must Be Free", o grupo reveste seu som com uma atmosfera grandiosa, meio trilha para aventuras no espaço, perfeito para ecoar nos imensuraveis sistemas de sons das *raves*.

O fato deles serem ingleses é importante. Significa que este tecno vem menos duro e radical, mais bem-humorado e mais pop no gosto final. *CAMILO ROCHA*

Mick Harris (bateria), Nick Bullen (vocal e baixo) e Justin Broadrick (guitarra), nada mais, nada menos que a primeira formação do Napalm Death a aparecer em disco, em 86. Pois esse trio clássico da violência *grindcore* esta de volta em *Vae Solis* (Earache), o álbum de estréia homonimo do **SCORN.** E se Harris influenciou o vanguardista John Zorn a criar o *jazzcore* do Naked City, o trabalho dos dois no Painkiller também animou o baterista a trabalhar num contexto instrumental mais estranho, incluindo samplers e ritmo eletronico. Scorn e um duo. Broadrick (ex-Head of David e atual Godflesh) aparece como convidado. E o som e uma monstruosidade que lembra a fase mais esquisitona do Killing Joke (circa. 81), desenrolando-se lentamente em longos e tenebrosos *metal dubs*. Um verdadeiro pesadelo para a new age. *ALEX ANTUNES*

O senegales **YOUSSOU N'DOUR** conseguiu maior divulgação através do cineasta Spike Lee (que também atua nos meios musicais), produtor executivo de seu ultimo disco – **Eyes Open** (Columbia) – através da companhia 40 Acres And A Mule. É um álbum cantado em varias linguas (frances, ingles e wolof, o idioma local), refletindo bem a visão cosmopolita do musico, que não fica restrito a lamentos tribais. Ele fala da Africa como um todo, e diz que quer TV ao vivo: "Vou economizar e comprar uma parabolica para assistir ao vivo a BBC, a CNN e a MTV". Mas avisa. "Vou ler nas entrelinhas e buscar o significado nos vazios". *RICARDO LOBO*

Não e so botando fogo nas lanchonetes McDonald's que o interior da França se diverte. Da bucolica localidade de Savigny-En-Septaine vem o **OPERA MULTI STEEL**, engrossando um cenario em que tambem se destaca (Collection D'Arnell Andrea). O nome do seu Arcadia Machina, já diz tudo: eles estão para os pastorinhos gauleses assim como o Duran Duran estava, dez anos atras, para os piratas neo-romanticos. **Stella Obscura**, quarto e melhor album do Opera, cativa com sintetizadores ingenuos e uma cozinha bem azeitada. Melhores momentos: a cadente "Spacio Astro" e o instrumental "Memorias De Vigo". Os 70 minutos do CD tem outras perolas tecnopop, todas vertidas em francês. *ROSCOE MACIEL*

P

Convenções
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

1 (1) *Automatic For The People* R.E.M. Warner
2 (5) *Ten* Pearl Jam Sony
3 (9) *Musica Para Acampamentos* Legião Urbana EMI-Odeon
4 (N) *Mondo Bizarro* Ramones EMI-Odeon
5 (6) *Gessinger, Licks & Maltz* Engenheiros do Hawaii BMG-Ariola
6 (18) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
7 (8) *Bloodsugarsexmagik* Red Hot Chili Peppers Warner
8 (2) *Erotica* Madonna Warner
9 (16) *Dirt* Alice In Chains Sony
10 (14) *Metallica* Warner
11 (3) *Angel Dust* Faith No More PolyGram
12 (N) *Loco Live* Ramones EMI-Odeon
13 (11) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
14 (19) *Your Arsenal* Morrissey EMI-Odeon
15 (4) *Achtung Baby* U2 Warner
16 (N) *Bleach* Nirvana BMG-Ariola
17 (R) *The Southern Harmony* The Black Crowes PolyGram
18 (10) *Keep The Faith* Bon Jovi
19 (R) *Dirty* Sonic Youth BMG-Ariola
20 (R) *Wish* The Cure PolyGram

1 (1) *O Canto Da Cidade* Daniela Mercury Sony
2 (R) *Stars* Simply Red Warner
3 (6) *Kingzobullshit* DeFalla Cogumelo
4 (3) *Circuladô Ao Vivo* Caetano Veloso PolyGram
5 (15) *Incesticide* Nirvana BMG-Ariola
6 (5) *Bricks Are Heavy* L7 PolyGram
7 (4) *Dirt* Alice In Chains Sony
8 (N) *Piece Of Cake* Mudhoney Warner
9 (R) *Vulgar Display Of Power* Pantera Warner
10 (18) *Body Count* Warner
11 (N) *O Guarda-Costas* Trilha Sonora BMG-Ariola
12 (N) *Mondo Bizarro* Ramones EMI-Odeon
13 (R) *Bloodsugarsexmagik* Red Hot Chili Peppers Warner
14 (N) *Yo-Ho-Delic* Tinnitus
15 (11) *Us* Peter Gabriel EMI-Odeon
16 (R) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
17 (2) *What Hits?* Red Hot Chili Peppers Warner
18 (N) *Singles* Trilha Sonora Sony
19 (12) *The Southern Harmony* The Black Crowes PolyGram
20 (7) *Psalm 69* Ministry Warner

1 *The Bodyguard* Trilha Sonora Arista
2 *Breathless* Kenny G Arista
3 *The Chronic* Dr. Dre Death Row
4 *Unplugged* Eric Clapton Duck Reprise
5 *Some Gave All* Billy Ray Cyrus Mercury
6 *Timeless (The Classics)* Michael Bolton Columbia
7 *Ten* Pearl Jam Epic
8 *If I Ever Fall In Love* Shai Gasoline Alley
9 *Aladdin* Trilha Sonora Walt Disney
10 *Pocket Full Of Kryptonite* Spin Doctors Epic

1 *Little Angels* Jam Polydor
2 *Dusk* The The Epic
3 *So Close* Dina Carroll A&M
4 *The Way We Walk Vol. 2* Genesis Virgin
5 *3 Years, 5 Months And 2 Days In...* Arrested Development Cooltempo
6 *Perverse* Jesus Jones Food
7 *Automatic For The People* R.E.M. Warner Bros
8 *Gorecki: Symphony No. 3* David Zinman Elektra Nonesuch
9 *Connected* Stereo MC's 4th + B'way
10 *Bosu Bruum* The Shamen One Little Indian

1 "I Will Always Love You" Whitney Houston Arista
2 "A Whole New World" Peabo Bryson and Regina Belle Columbia
3 "If I Ever Fall in Love" Shai Gasoline Alley
4 "Saving Forever For You" Shanice Giant
5 "Ordinary World" Duran Duran Capitol
6 "In The Still Of The Nite" Boyz II Men Motown
7 "Mr. Wendal" Arrested Development Chrysalis
8 "7" Prince And The New Power Generation Paisley Park
9 "Rump Shaker" Wreckx-N-Effect MCA
10 "I'm Every Woman" Whitney Houston Arista

1 "I Will Always Love You" Whitney Houston Arista
2 "No Limit" 2 Unlimited PWL
3 "The Love I Lost" West End feat. Sybil PWL
4 "Exterminate" Snap feat. Niki Harris Arista
5 "Deep" East 17 London
6 "Ordinary World" Duran Duran Parlophone
7 "Open Your Mind" Usura Deconstruction
8 "Sweet Harmony" Beloved East West
9 "How Can I Love You More?" M People Deconstruction
10 "We Are Family" ('93 Mixes) Sister Sledge Atlantic

1 *Grave Dancers Union* Soul Asylum Columbia
2 *Blind* The Sundays DGC
3 *Automatic For The People* R.E.M. Warner Bros
4 *Us* Peter Gabriel Geffen
5 *Our Time In Eden* 10,000 Maniacs Elektra

1 *Copper Blue* Sugar Creation
2 *Slanted & Enchanted* Pavement Big Cat
3 *Selected Ambient Works 85-92* The Aphex Twin R&S
4 *Surfing On Sine Waves* Polygon Window Warp
5 *Cherry Haven* Cone Placebo

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Renato Yada (sênior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto: Abonico Rycardo Smith, Alex Antunes, Ana Maria Bahiana, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Claudia Lima, Cláudio Campos, Daniel Benevides, Fabio Massari, Gilson Rosas, Hagamenon Brito, Jimi Joe, João Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, José Teles, Marisa Adan Gil, Otavio Rodrigues, Rene Ferri, Robert Hallowell, Rodrigo Merheb, Thales de Menezes, Wagner Almeida Silva. **Fotografia:** Priscila Farias, Robin Lyne, Rui Mendes, Veronica Pierolo. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Diagramador:** Flávio Vianna. **Ilustrações:** Macedo (Ragga)

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rahier
Gerente de Contas: Miguel Castello
Supervisores de Contas: João Jorge Rangel, Maria Gisele Magno, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marilia Hindi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarante
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gali Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Lígia de Lima Dona Castelli

BIZZ 92 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - grupos 1534/35, CEP 20020-80, Centro, tel: (021) 532-0313, telex (021) 36800, fax (021) 532-1466, CP 4816. Telegramas: Editabril/Abril Press. [redacted] Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2865 Camarate Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total pago antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: **março/93. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Fotoline Ltda., Postscript A & Gráficas Bureau Azul
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome ____

Código de assinante ____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço ____

Bairro ____ CEP ____

Cidade ____ Estado ____ Tel ____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: ____

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-80 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1466 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 30, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-906 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4040 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

Recife inventa o mangue-beat

O mangue beat não é apenas uma concepção sonora que mistura maracatu, samba, caboclinho, forró, pastoril com o bom e velho rock 'n'roll. O mangue beat tampouco é uma reação de pernambucanos contra a proliferação da axé music nas ladeiras de Olinda e becos do Recife. O mangue beat nasceu de uma repulsa de duas bandas, agora são quatro, contra os modelitos anuais pop importados. Um ano era o punk, no outro era o gótico, mais na frente era grebo, e agora grunge. "A gente sacou que o Recife era muito mais rico em música do que Seattle, então resolvemos partir para o nosso som", explica 04, guitarrista e vocalista do **Mundo Livre S.A.**, um dos grupos que formam a turma do mangue.

E por que mangue? Ora, manguezais circundam o Recife. O caranguejo é alimento fundamental na dieta dos miseráveis que moram nas palafitas ao longo dos dois maiores rios que cortam a cidade. Por isso o pessoal do mangue escolheu como símbolo do seu movimento o Chamagnathus Granulatus Sapiens, um caranguejo com cérebro. Desta filosofia crustaceana participam os grupos **Loustal**, **Nação Zumbi** e **Lamento Negro**. A música? Talvez a letra de "Mangue Beat", cantada pelo Mundo Livre S.A., dê uma pista: "Sou eu um transistor/o Recife é um circuito/ o país é um chip/Se a Terra é um rádio/qual é a música?/ Mangue beat".

O grupo já gravou uma fita demo, já fez um videoclip elogiadíssimo, já apareceu na MTV e agora ameaça sair de vez da lama com seu som, sendo ouvido Brasil afora através da gravadora independente Tinitus. Pena Schmidt quer o pessoal do mangue na sua próxima coletânea. Enquanto isso, o som dos mangues continua soando pelos ares de Recife e Olinda, partindo diretamente do bar do Caranguejo, na praia de Candeias, com a turma toda dentro do "mangue móvel" guiado por 04 (na verdade um fusquinha 69, pré-Itamar). Pois é, ameaça Chico Science, vocalista do Nação Zumbi: "Ninguém foge do cheiro sujo/ da lama do mangue town".

JOSÉ TELES, de Recife

CARTAS

LEANDRO & LEONARDO

Li na BIZZ de janeiro a "conversa grampeada" entre Bivar, Leandro e Leonardo, escrita por Camilo Rocha e pensei: ao menos isso, uma chance de L&L aparecerem na revista. Mas eu sinto que vocês ainda estão antigos, muito preconceituosos, ainda acreditando em pose, posudos e não abrindo os olhos para a coisa real, o artigo genuino. L&L são autênticos. São pop. O show deles é obrigatório para mudar certas mentalidades.

Marina Alencastro
São Paulo/SP

Adorei a BIZZ com o Red Hot Chili Peppers na capa, estava demais! Mas que r-i-d-i-c-u-l-o a página 11 com os ridículos, sei lá o nome deles, acho que é Leandro ou Leonardo. Acho que vocês querem perder um leitor assíduo e assinante. Quando vi tal página, imediatamente a rasguei. Não me pergunte o que estava escrito que não sei. Olha, se eu quisesse saber alguma coisa sobre estes ridículos bregas compraria uma revista ridícula especializada nesse gênero ridículo e brega, música de corno.

Eudes Eustáquio Santos Silva
Santa Luzia/MG

Estou desgraçado com a BIZZ. Quem foi o filho da puta (se quiserem, podem censurar os palavrões, mas não tenho como melhor me expressar) que teve a idéia de colocar uma foto daqueles roceiros do Leandro & Leonardo na BIZZ 90?

Marconi Lacerda Pires
Contagem/MG

HOLLYWOOD ROCK

Quem não viu o show do Simply Red e da Midnight Blues Band no Hollywood Rock perdeu um grande exemplo de como se pode fazer um som sadio e de excelente qualidade. Bem diferente de coisas doentias e nocivas à audição como os grupos que vieram lá de Seattle.

Flávio Drummond
Rio de Janeiro/RJ

Orgasmo múltiplo no Hollywood Rock! Primeiro, o alucinante punk rock do L7 e o quebra-quebra do Nirvana. Depois, no caminho do hotel, as meninas californianas do L7 mostraram, do ônibus, suas bundas de linhas nada quadradas. *That's rock n' roll!*

Jacques Constantino
São Paulo/SP

Declaro toda minha indignação com aquela baixaria no Hollywood Rock, a começar pelo vocalista do DeFalla, o sr. Edu K. que resolveu despir e mostrar seu magro corpinho ossudo. Todo o meu conceito sobre o DeFalla desmoronou. Eles pensam que somos otários, pois nos deslocamos de nossas casas, gastamos uma grana para privilegiar os curras, nos divertir. E ao chegar lá, somos obrigados a assistir shows de baixaria, ouvir xingamentos e somos cuspidos. Pô, qual é? Virou zona? Falo não só do DeFalla. Duvido que os grupos estrangeiros façam esse tipinho de coisa no país deles. E o pior é que tem gente que apoia, aplaude ao invés de vaiar ou expulsar do palco. E, além disso, tem também a imprensa que acha tudo bonitinho. Em suma, foi um dos piores festivais de rock que já presenciei.

Evellin R.
São Gonçalo/RJ

Talvez este último tenha sido o Hollywood Rock mais puramente rock'n'roll de todos.

Stella Maria de Oliveira Caparelli
Rio de Janeiro/RJ

O show dos Engenheiros Do Hawaii foi legal, mas o que atrapalhou os caras foi a organização do festival, em colocá-los num dia tão heavy. Eles poderiam tocar mais tranquilos no terceiro dia, que era bem mais calmo e teriam mais liberdade para tocar suas músicas. Para mim, a grande decepção foi o Red Hot Chili Peppers, que fez um show muito fraco.

Alexandre Luiz dos Santos
São Paulo/SP

Fiquei muito chateado com a organização do Hollywood Rock. Mais uma vez eles fizeram a tolice de fazer só duas edições do festival deixando mais uma vez nossa capital, Belo Horizonte, de fora. Será que eles pensam que só velhos vivem em nosso Estado? Se tivessem um pouco mais de consideração tentariam realizar uma vez o festival em nossa capital.

Marc B. Faia
Campo Belo/MG

É terrível saber que a Globo seja uma das quatro maiores redes de televisão do mundo. Foi simplesmente catastrófica a "grande cobertura" do Hollywood Rock de 93, um fiasco de quem fez propagandas espalhafatosas, anunciando os shows de todos os grupos. No primeiro dia, começou o terror: shows incompletos de todos. Uma única música do DeFalla, só para mostrar o cara pelado. No segundo dia, o desastre: a incompetente VJ Maria Paula não deixava nem o Nirvana tocar "Lithium", quanto mais as outras. Apenas uma ignorante Deusa dos Engenheiros Do Hawaii e – para salvar a noite – algumas do L7 já gravadas. Na terceira noite, a Midnight Blues Band abriu e a Globo teve mais tempo para tudo. Foi a transmissão mais razoável no pior dia.
Isso tudo sem contar as mil vezes em que trocaram os nomes das músicas etc. Terrível! Zero!
PS: Pelo menos, não botaram o Pedro Bial.

Guilherme Sarional
Salvador/BA

A incompetência da Globo teve seu ponto culminante quando o pessoal do "plim-plim" marcou touca e acabou perdendo a entrada do Red Hot Chili Peppers.
Por que é que ao invés de passar essas novelinhas debilóides, vocês aí da Globo não tomam vergonha na cara e dão mais atenção para esses tipos de eventos, que raramente acontecem no Brasil?

Milton A. Sippert
Dourados/MS

Falar que a Globo não respeita seus telespectadores é a mesma coisa que falar que a maioria dos políticos são palhas. A gota d'água foi a cobertura do Hollywood Rock. A produção amadorística, os cortes no meio das músicas, as informações errôneas, os comentários ridículos (com a exceção da Maria Paula) e uma câmera que insistia em ficar distante do palco para focalizar os prédios atrás. Foi muito constrangedor.

Marcelo Silva Costa
Taubaté/SP

Sem "simancol" e incompetente ou incompetente e sem "simancol"? Qual será o segredo da Globo?

Olívia P. Barros
São Paulo/SP

Sei que vocês irão receber zilhões de cartas sobre a apresentação do Nirvana no Hollywood Rock. Os detratores vão dizer que eles não respeitam o público, não têm profissionalismo ou que não tocam porra nenhuma. Os fãs vão dizer que faz parte da postura "que se foda" da banda, que não é um show de rock convencional etc. Porra! Pagamos todos para ter diversão e creio que tivemos. Todos pulamos e cantamos os trezentos hits da banda (ainda que levemente distorcidos) e fomos para casa cansados, desidratados e roxos. Para que mais? Aos detratores: já pensaram se fosse um show dos Sex Pistols? Aos fãs, show quem deu foi o L7!

Márcio Coelho
Cachoeiro do Itapemirim/ES

FIREBOX

Estou enviando esta carta para manifestar a minha revolta ao ler o comentário do Sr. Carlos Eduardo Miranda sobre o disco *Out Of Control*, da melhor banda heavy do Brasil, o Firebox (BIZZ 90).
Como pode esse senhor falar que o Firebox é igual ao Motörhead?
O vocal até que é parecido, mas o instrumental não tem nada a ver. E essa bosta de Yo-Ho Delic que é xerox do Red Hot Chili Peppers? Por que não sai isso na revista? É muito fácil elogiar o que está na moda, não é?

Renato A. de Lima
São Paulo/SP

E crítico o papel do crítico. Tão crítico que muitas vezes ele tem que pensar duas vezes antes de falar mal. Falou mal do Firebox. Falou por falar. Nem ouviu o disco direito. Achou o vocal parecido com o Lemmy do Motörhead e pronto, já sabia o que escrever. Encontrou um erro de grafia na capa e pau! Colocou aquela "boquinha" virada para baixo; "não faz falta". Ô, "seu" C.E.M., tem dó, pô! Quando o Firebox lançou a demo, a própria BIZZ publicou, "uma das melhores fitas a aterrissar na redação nos últimos meses...".
Agora vem o disco totalmente independente, acima da média, com um trabalho de guitarra perfeito e uma cozinha bestial para levar quase um zero de um crítico intelectual?

Marco Antunes
São Paulo/SP

BIZZ...MATADORA

Há uma certa tendência, por parte dessa revista, de se tentar desancar – com fundamento ou não – as bandas do rock *mainstream*. É assim com o triunvirato Titãs/Paralamas/Legião, com os idiossincráticos Engenheiros Do Hawaii, com os Guns N' Roses e notadamente, com o U2. Até a cena de Seattle, antes elevada às alturas com louvores altissonantes, recebe suas farpas.
Parece que os escribas da BIZZ têm uma compulsão incontrolável em erguer e destruir novas bandas, baixá-las nas profundezas do anonimato, torcer para que se tornem *mainstream* e depois espinafrá-las, elegendo como novos *darlings* outros grupos anônimos, "alternativos"... Um círculo vicioso, macabro e antropofágico.

Jean Marcel Arabaxo
São Paulo/SP

MORRISSEY

Vi que Rogério de Campos e André Forastieri deram notas zero e um para o *Your Arsenal*, do Morrissey. A única explicação que encontrei foi:
1) Rogério de Campos não escutou o disco.
2) André Forastieri escutou só uma música.

Robério Almeida
João Pessoa/PB

ENGENHEIROS

Excelente a BIZZ de janeiro, a melhor das últimas edições e uma das melhores de todos os anos. Muito boas as matérias com o Iggy Pop, os Chili Peppers e o Alice In Chains. Agora, chega de Engenheiros!!!

Carlos D'Assunção
São Paulo/SP

A TRAIÇÃO DA BIZZ

Me deparei na edição 89 da BIZZ com a reportagem "Saída Pela Tangente", louvável e louvando muitas bandas agora "independentes" e sempre (até quando?) "independentes".
Mas algumas páginas adiante, uma azeda crítica a dois dos discos citados pela reportagem é detonada sem piedade. Estou falando dos discos do Killing Chainsaw e dos Pin Ups. Onde li que o "pecado" dessas bandas é uma imitar o Sonic Youth e a outra imitar o Velvet Underground, se chamarem Zé, andar na Marginal Tietê, comer bauru e falar "tchudei"!
E vocês aí da BIZZ? Que puta incoerência, hein? Ondula o novo cenário do rock brasileiro e em "críticas" como essas, vocês puxam o tapete! Está certo, nem tudo que cheira a underground é perfume, pode ser esgoto também. Porém tirem esta máscara!

Márcio Khéry
Florianópolis/SC

José Emílio Rondeau, saiba que o Killing Chainsaw e os Pin Ups, como poucas das boas bandas nacionais existentes, não pretendem ser réplicas, apenas absorvem as influências musicais de excelentes bandas, pretendendo produzir algo de qualidade nesta terra de críticos frustrados que têm a capacidade de comparar *noise* com "samba-reggae".

Glauria, Márcia e Daniela
Campinas/SP

CHILI PEPPERS

Já faz tempo que eu curto o som dos Red Hot Chili Peppers e, por isso, queria dar um recadinho para o bando de mauricinhos e patricinhas que foram fantasiados de Chili Peppers no Hollywood Rock: pelo amor de Deus, RHCP não se resume apenas a "Give It Away" e "Under The Bridge"! Eles não precisam do dinheiro de quem só curte *Bloodsugarsexmagik*! Eu e mais um bocado de gente, que curte mesmo esse som, iríamos ficar eternamente agradecidos se este bando de escrotos esvaziassem um pouco o estádio e deixassem a gente curtir em paz, sem gritinhos de fãs histéricas e coro de filhinhos de papai!

Cuca Pimentel
São Paulo/SP

Amei, amei, amei a matéria da BIZZ 90 sobre os Red Hot Chili Peppers!!! Gostei muito da reportagem com o Flea e dos "melhores momentos" do texto daquele super-gostoso-tesão-humano, Anthony Kiedis.

Beatriz Ribas
Salvador/BA

Adorei a capa da BIZZ que exibe o Anthony e o Flea. A única falha foi o tamanho pequeno da reportagem com os "apimentados" garotos.

Tatiane Camila Chiquetti
Campinas/SP

O início de 93 traz bons indícios para a música. Pelo menos no que depender da BIZZ, que depois de Axl Rose, Madonna e Bon Jovi, trouxe os Chili Peppers na capa de uma puta edição. As outras capas citadas foram uma pisada, porra!

S.A.Mueli Jr.
São Paulo/SP

OS MAIORES ASTROS DO ROCK
EM FOTOS ALUCINANTES!
NESTA EDIÇÃO
PEARL JAM

E MAIS:
Alice in Chains
Bon Jovi
INXS
L7
Madonna
Nirvana
Pet Shop Boys
Roxette
Shabba Ranks
U2

REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

OTIS REDDING
THE DOCK OF THE BAY (1968)

Não parecia ter erro no caminho de Otis Redding em dezembro de 67. Dois meses antes, ele fora eleito o melhor cantor do ano pelos leitores da *Melody Maker*, tomando o título que fora de Elvis Presley nos dez anos anteriores. Sua participação no festival Monterey Pop em junho tinha sido um arraso, de trazer lágrimas aos olhos de Brian Jones (que confidenciou para o fotógrafo Jim Marshall: "Nós, dos Stones, pensávamos que éramos a melhor banda do mundo, mas nem por um milhão de libras eu entraria em um palco depois de Otis Redding"). Os próprios Beatles haviam interrompido a finalização de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* para tentar — em vão — arrumar uma *jam session* com Booker T. And The MGs, a banda de apoio de Otis.

Redding era o coração da Stax, a principal gravadora de soul dos anos 60, junto com a Motown. James Brown podia ser o "Godfather" do soul, mas Otis era o "Rei" (apesar de Wilson Pickett e Solomon Burke) e mais: já conquistara definitivamente o público branco. Conseguira fazer uma fusão surpreendente da energia de Little Richard com a elegância de Sam Cooke. "Ele é o passado, o presente e o futuro... As performances de Otis Redding constituem o mais alto nível de expressão do rock'n'roll já realizado... Otis Redding é rock'n'roll", escrevia o jornalista Jon Landau.

Sua atividade era frenética em 67. Duas turnês européias, dois álbuns (*King & Queen*, com Carla Thomas, e *Otis Redding Live In Europe*), mais um disco gravado ao vivo no Whiskey A-Go-Go e material para diversas coletâneas lançadas nos anos seguintes. Só parou mesmo em outubro, quando teve que operar a garganta. O médico recomendou dois meses de repouso.

No início de dezembro, quando voltou ao estúdio estava cheio de idéias e cerca de trinta canções prontas para serem gravadas. Otis estava entusiasmado com o *Sgt. Pepper's* e queria que sua música fosse uma extensão do que os Beatles estavam fazendo.

A música "manifesto" dessa nova fase foi "(Sittin' On) The Dock Of The Bay", co-escrita com o guitarrista do Booker T. And The MGs, Steve Cropper. A primeira pessoa para quem Otis mostrou a música foi seu *road manager*, Speedo Simms. "Eu fiquei batendo na perna seguindo o ritmo", contou Simms ao jornalista Peter Guralnick, "enquanto ele tocava o violão. Mas não consegui acompanhá-lo. Era a primeira vez que isso acontecia. Eu não conseguia entender. Mesmo depois, quando ele escreveu a letra, a canção ainda continuou me soando estranha".

Produção: Steve Cropper **Faixas:** "(Sittin' On) The Dock Of The Bay" / "I Love You More Than Words Can Say" / "Let Me Come On Home" / "Open The Door" / "Don't Mess With Cupid" / "The Glory Of Love" / "I'm Coming Home To See About You" / "Tramp" / "The Hucklebuck" / "Nobody Knows You (When You're Down And Out)" / "Ole Man Trouble" **Notas:** O álbum chegou ao quarto posto no parado da *Billboard*, permanecendo nela durante 42 semanas • Além do hit que empresta the o nome, o disco contém os seguintes singles colocados no parado americano: "Tramp", "The Glory Of Love" e "I Love You More Than Words Can Say" (que atingiram o 26º, o 60º e o 78º lugar, respectivamente) • "(Sittin' On) The Dock Of The Bay" venceu dois prêmios Grammy: o de melhor canção e o de performance vocal masculino em r&b • Disponível em CD nos EUA, na Europa e no Japão. No Brasil, não existe em nenhum formato.

O próprio dono da Stax ficou na dúvida em gravar a faixa. O empresário de Otis deixou claro que não havia gostado. O cantor não vacilou. "É a hora de mudar minha música. As pessoas podem se cansar de mim."

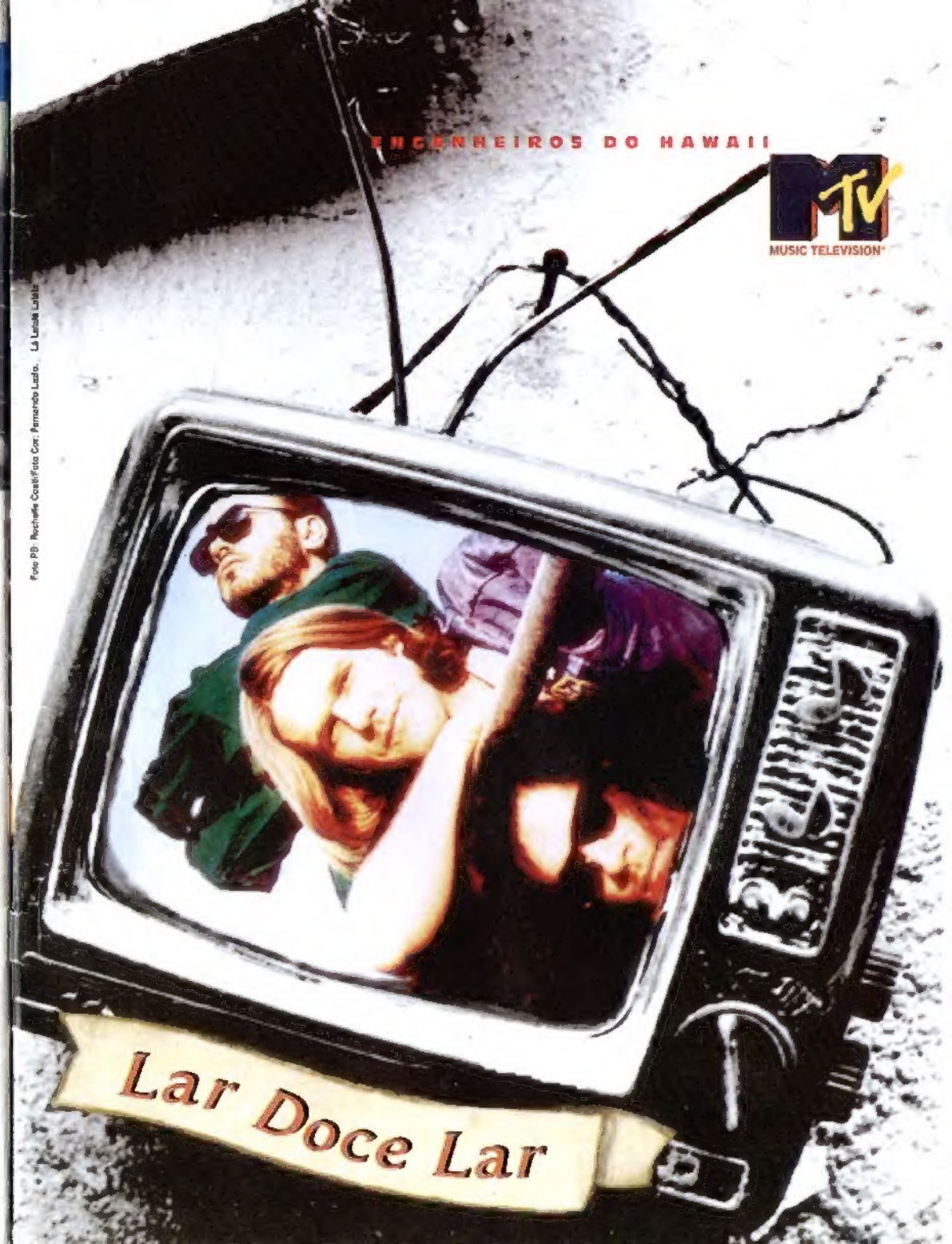
No final de janeiro de 68, o single "(Sittin' On) The Dock Of The Bay" chegou ao primeiro lugar da parada pop americana, ficando nesta posição por quatro semanas (um feito nunca igualado por James Brown ou qualquer outro rei do soul). Mas o que era para se tornar o início de uma nova fase foi o epitáfio de Redding. três dias depois de gravar "(Sittin' On) The Dock Of The Bay", o cantor sofreu um desastre de avião e morreu, aos 26 anos.

Este disco foi montado com algumas das últimas gravações de Otis e outras mais antigas, como "Ole Man Trouble" (que também já aparecia no álbum *Otis Blue*, de 65) e um outro grande hit de 67, "Tramp", um dueto com Carla Thomas.

O que era para ser o *Sgt. Pepper's* da *soul music* ficou incompleto e *Dock Of The Bay* se tornou uma deliciosa colagem do trabalho de Redding.

Um retrato do passado, do presente e do que poderia ter sido o futuro do soul.

ROGÉRIO DE CAMPOS



PARA LUBRIFICAR CABEÇAS.

MIDNIGHT OIL

Earth and Sun and Moon

**PRODUTO AUSTRALIANO NÃO POLUENTE,
INDICADO PARA DESENFERRUJAR OSSOS E OUVIDOS.
EM CD, K7 E LP.**

Sony Music